UNE ✦ SACRA

Islã

Alquimia da Felicidade

✦ ✦ ✦

Al-Ghazali (1058–1111)

Tradução (edição 1)

Créditos

Autor	Al-Ghazali (1058–1111)
Data	c. 1105
Idioma original	Persa
Versão	Tradução (edição 1)
Tradução	Tradução popular, a partir da versão inglesa de Claud Field
Fonte	Internet Sacred Text Archive (cópia da Wayback Machine) — The Alchemy of Happiness, trad. Claud Field, 1909
Licença	CC BY-NC-SA 4.0 · original: Domínio público

Sobre:

A Alquimia da Felicidade (Kimiya-yi Sa'adat) é a versão curta, escrita em persa por Abu Hamid al-Ghazali (1058–1111), da sua obra-prima, A Revivificação das Ciências da Religião.

Assim como a alquimia transforma metal comum em ouro, diz Ghazali, a alma se transforma quando se afasta do mundo e se volta para Deus.

O caminho tem quatro partes: conhecer a si mesmo, conhecer Deus, conhecer este mundo e conhecer o outro. Seguem capítulos sobre a música e a dança como ajuda à vida religiosa, o exame de consciência, o casamento e o amor de Deus.

A versão inglesa é a de Claud Field (1863–1941), feita a partir de uma tradução em indostâni e publicada em Londres em 1909.

Fonte: https://sacred-texts.com/isl/tah/index.htm

Esta tradução popular e o desenho deste arquivo são da Une Sacra, sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 (CC BY-NC-SA 4.0): pode copiar e compartilhar citando "Une Sacra (unesacra.com)", sem uso comercial e com a mesma licença. O texto original segue a licença da fonte. Termos de uso: unesacra.com/#/legal/terms

Edição digital gerada em 26 de novembro de 2026 pela Une Sacra, biblioteca aberta de textos sagrados. · UneSacra.com

Sumário

Introdução

O Conhecimento de Si Mesmo

O Conhecimento de Deus

O Conhecimento Deste Mundo

O Conhecimento do Próximo Mundo

Sobre a Música e a Dança como Auxiliares da Vida Religiosa

Sobre o Autoexame e a Lembrança de Deus

O Casamento como Ajuda ou Obstáculo à Vida Religiosa

O Amor de Deus

INTRODUÇÃO

✦

Sabe, ó amado, que o homem não foi criado por brincadeira nem ao acaso, mas maravilhosamente feito e para algum grande fim. Embora não exista desde a eternidade, ele vive para sempre; e embora seu corpo seja vil e terreno, seu espírito é elevado e divino.

Quando no crisol da abstinência ele se purifica das paixões carnais, alcança o mais alto grau e, em vez de ser escravo da concupiscência e da ira, torna-se dotado de qualidades angélicas. Ao atingir esse estado, encontra seu céu na contemplação da Beleza Eterna, e não mais nos deleites carnais.

A alquimia espiritual que opera essa mudança nele, como aquela que transmuta metais inferiores em ouro, não é facilmente descoberta, nem se encontra na casa de qualquer velha. É para explicar essa alquimia e seus métodos de operação que o autor empreendeu esta obra, a qual intitulou A Alquimia da Felicidade.

Ora, os tesouros de Deus, nos quais essa alquimia deve ser buscada, são os corações dos profetas, e aquele que a busca em outro lugar ficará desapontado e falido no dia do julgamento, quando ouvir as palavras: "Nós tiramos o véu de sobre ti, e tua visão hoje é aguda."

Deus enviou à terra cento e vinte e quatro mil profetas para ensinar aos homens a prescrição desta alquimia, e como purificar seus corações das qualidades mais viles no crisol da abstinência. Esta alquimia pode ser breve-

mente descrita como o afastar-se do mundo em direção a Deus, e seus constituintes são quatro:

1. O conhecimento de si mesmo.

2. O conhecimento de Deus.

3. O conhecimento deste mundo como ele realmente é.

4. O conhecimento do próximo mundo como ele realmente é.

Passaremos agora a expor estes quatro constituintes em ordem.

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

O CONHECIMENTO DE SI MESMO

✦

O conhecimento de si mesmo é a chave para o conhecimento de Deus, segundo o ditado: "Aquele que conhece a si mesmo conhece a Deus", e, como está escrito no Alcorão: "Nós lhes mostraremos os Nossos sinais no mundo e em si mesmos, para que a verdade lhes seja manifesta."

Ora, nada está mais próximo de ti do que tu mesmo, e se não conheces a ti mesmo, como podes conhecer qualquer outra coisa? Se dizes "Eu me conheço", querendo dizer tua forma exterior, corpo, rosto, membros e assim por diante, tal conhecimento nunca poderá ser a chave para o conhecimento de Deus.

Tampouco, se o teu conhecimento quanto ao que está dentro só se estende até o ponto em que, quando estás com fome, comes, e quando estás com raiva, atacas alguém, progredirás mais neste caminho, pois os animais são teus parceiros nisso? Mas o verdadeiro conhecimento de si consiste em saber as seguintes coisas: O que és em ti mesmo e de onde vieste?

Para onde vais e com que propósito vieste morar aqui por um tempo, e em que consiste tua verdadeira felicidade e miséria? Alguns de teus atributos são os dos animais, alguns os dos demônios e alguns os dos anjos, e tens de descobrir quais destes atributos são acidentais e quais são essenciais. Até que saibas isso, não poderás descobrir onde reside a tua verdadeira felicidade.

A ocupação dos animais é comer, dormir e lutar; por conseguinte, se és um animal, ocupa-te com essas coisas. Os demônios estão ocupados em incitar a malícia, no engano e na fraude; se pertences a eles, faz o trabalho deles.

Os anjos contemplam a beleza de Deus e estão inteiramente livres das qualidades animais; se és de natureza angélica, esforça-te então em direção à tua origem, para que possas conhecer e contemplar o Altíssimo, e ser liberto da escravidão da concupiscência e da ira.

Deves também descobrir por que foste criado com estes dois instintos animais: se para que eles te dominem e te levem cativo, ou para que tu os me domines e, no teu progresso ascendente, faças de um a tua montaria e do outro a tua arma.

O primeiro passo para o conhecimento de si mesmo é saber que és composto de uma forma exterior, chamada corpo, e de uma entidade interior, chamada coração ou alma. Por "coração" não me refiro ao pedaço de carne situado à esquerda do nosso corpo, mas àquilo que usa todas as outras faculdades como seus instrumentos e servos.

Na verdade, ele não pertence ao mundo visível, mas ao invisível, e veio a este mundo como um viajante visita um país estrangeiro por causa do comércio, e em breve retornará à sua terra natal. É o conhecimento desta entidade e de seus atributos que é a chave para o conhecimento de Deus.

Alguma ideia da realidade do coração, ou espírito, pode ser obtida por um homem ao fechar os olhos e esquecer tudo ao seu redor, exceto sua individualidade. Ele obterá assim também um vislumbre da natureza sem fim

dessa individualidade. Porém, uma investigação muito profunda sobre a essência do espírito é proibida pela Lei.

No Alcorão está escrito: "Perguntar-te-ão sobre o espírito. Dize: 'O Espírito vem por ordem do meu Senhor.'" Apenas isto se sabe dele: que é uma essência indivisível pertencente ao mundo dos decretos, e que não existe desde a eternidade, mas foi criado.

Um conhecimento filosófico exato do espírito não é um pré-requisito necessário para andar no caminho da religião, mas vem antes como resultado da autodisciplina e da perseverança nesse caminho, como se diz no Alcorão: "Aqueles que lutam em Nosso caminho, em verdade Nós os guiaremos aos caminhos retos."

Para a realização desta guerra espiritual pela qual o conhecimento de si mesmo e de Deus deve ser obtido, o corpo pode ser figurado como um reino, a alma como seu rei, e os diferentes sentidos e faculdades como constituindo um exército. A razão pode ser chamada de vizir, ou primeiro-ministro, a paixão como o cobrador de impostos, e a ira como o oficial de polícia.

Sob o disfarce de cobrar impostos, a paixão está continuamente inclinada a saquear por conta própria, enquanto o ressentimento está sempre inclinado à dureza e à severidade extrema. Ambos, o cobrador de impostos e o oficial de polícia, devem ser mantidos em devida subordinação ao rei, mas não mortos ou expulsos, pois têm suas próprias funções adequadas a cumprir.

Mas se a paixão e o ressentimento dominarem a razão, a ruína da alma inevitavelmente se segue. Uma alma que permite que suas faculdades inferiores dominem as superiores é como quem entrega um anjo ao poder de um cão ou um muçulmano à tirania de um infiel.

O cultivo de qualidades demoníacas, animais ou angélicas resulta na produção de caracteres correspondentes, os quais no Dia do Julgamento se manifestarão em formas visíveis, os sensuais aparecendo como porcos, os ferozes como cães e lobos, e os puros como anjos.

O objetivo da disciplina moral é purificar o coração da ferrugem da paixão e do ressentimento, até que, como um espelho limpo, ele reflita a luz de Deus.

Alguém pode aqui objetar: "Mas se o homem foi criado com qualidades animais e demoníacas, bem como angélicas, como saberemos que estas últimas constituem sua verdadeira essência, enquanto as primeiras são meramente acidentais e transitórias?" A isso respondo que a essência de cada criatura deve ser buscada naquilo que há de mais elevado nela e que lhe é peculiar.

Assim, o cavalo e o jumento são ambos animais de carga, mas a superioridade do cavalo em relação ao jumento consiste em ser adaptado para o uso na batalha. Se ele falha nisso, fica degradado ao posto de animal de carga. O mesmo ocorre com o homem: a faculdade mais elevada nele é a razão, que o capacita para a contemplação de Deus.

Se esta predomina nele, quando ele morre, deixa para trás todas as tendências à paixão e ao ressentimento e torna-se capaz de associação com os anjos.

Quanto às suas meras qualidades animais, o homem é inferior a muitos animais, mas a razão o torna superior a eles, como está escrito no Alcorão: "Ao homem sujeitamos todas as coisas na terra."

Mas se suas tendências inferiores tiverem triunfado, após a morte ele estará sempre olhando para a terra e ansiando por prazeres terrenos.

⁂

Ora, a alma racional no homem abunda em maravilhas, tanto de conhecimento quanto de poder. Por meio dela ele domina artes e ciências, pode passar num piscar de olhos da terra ao céu e voltar novamente, pode mapear os céus e medir as distâncias entre as estrelas.

Por meio dela ele também pode retirar os peixes do mar e as aves do ar, e pode submeter ao seu serviço animais como o elefante, o camelo e o cavalo. Seus cinco sentidos são como cinco portas que se abrem para o mundo externo; mas, mais maravilhoso do que isso, seu coração tem uma janela que se abre para o mundo invisível dos espíritos.

No estado de sono, quando as vias dos sentidos estão fechadas, essa janela se abre e o homem recebe impressões do mundo invisível e, às vezes, prefigurações do futuro. Seu coração é então como um espelho que reflete o que está desenhado na Tábua do Destino.

Mas, mesmo no sono, os pensamentos sobre coisas terrenas embotam esse espelho, de modo que as impressões que ele recebe não são nítidas. Após a morte, contudo, tais pensamentos desaparecem e as coisas são vistas em sua nula realidade, cumprindo-se o ditado do Alcorão: "Arrancamos de ti o teu véu e a tua visão hoje é aguda."

Essa abertura de uma janela no coração para o invisível também ocorre em condições que se aproximam das da inspiração profética, quando intuições surgem na mente sem serem transmitidas por nenhum canal sensorial. Quanto mais o homem se purifica dos desejos carnais e concentra sua mente em Deus, mais consciente estará de tais intuições. Aqueles que não têm consciência delas não têm o direito de negar sua realidade.

Tampouco tais intuições estão limitadas apenas àqueles de grau profético. Assim como o ferro, por polimento suficiente, pode transformar-se em espelho, da mesma forma qualquer mente, pela devida disciplina, pode tornar-se receptiva a tais impressões.

Foi a essa verdade que o Profeta aludiu quando disse: "Toda criança nasce com uma predisposição para o Islã; depois seus pais fazem dela um judeu, ou um cristão, ou um adorador das estrelas." Todo ser humano ouviu, nas profundezas de sua consciência, a pergunta "Não sou Eu o vosso Senhor?" e respondeu "Sim" a ela.

Mas alguns corações são como espelhos tão sujos de ferrugem e sujeira que não dão reflexos claros, enquanto os dos profetas e santos, embora sejam homens "de paixões semelhantes às nossas", são extremamente sensíveis a todas as impressões divinas.

Tampouco é apenas em razão do conhecimento adquirido e intuitivo que a alma do homem ocupa o primeiro lugar entre as coisas criadas, mas também em razão do poder. Assim como os anjos presidem sobre os elementos, assim a alma governa os membros do corpo. Aquelas almas que atingem um grau especial de poder não governam apenas seu próprio corpo, mas também os de outros.

Se desejam que um homem enfermo se recupere, ele se recupera; ou que uma pessoa com saúde adoeça, ela adoece; ou se desejam a presença de uma pessoa, ela vem até elas. Conforme os efeitos produzidos por essas almas poderosas sejam bons ou maus, são denominados milagres ou feitiçarias.

Essas almas diferem das pessoas comuns de três maneiras: (1) o que os outros só veem em sonhos, elas veem em seus momentos de vigília. (2) Enquanto a vontade dos outros só afeta seus próprios corpos, estas, pelo poder da vontade, podem mover corpos estranhos a si mesmas. (3) O conhecimento que os outros adquirem por meio de um aprendizado laborioso chega a elas por intuição.

Estes três, é claro, não são os únicos traços que as diferenciam das pessoas comuns, mas os únicos que chegam ao nosso conhecimento. Assim como ninguém conhece a verdadeira natureza de Deus senão o próprio Deus, assim também ninguém conhece a verdadeira natureza de um profeta senão um profeta.

E isto não é de surpreender, pois nas matérias do dia a dia vemos que é impossível explicar o encanto da poesia a alguém cujo ouvido é insensível à cadência e ao ritmo, ou as glórias da cor a alguém que é cego de nascença. Além da mera incapacidade, existem outros obstáculos para a obtenção da verdade espiritual. Um deles é o conhecimento adquirido externamente.

Para usar uma figura, o coração pode ser representado como um poço, e os cinco sentidos como cinco riachos que continuamente lhe levam água. A fim de descobrir o real conteúdo do coração, esses riachos devem ser estancados por um tempo, de qualquer modo, e o lixo que eles trouxeram consigo deve ser limpo do poço.

Em outras palavras, se havemos de chegar à pura verdade espiritual, devemos colocar de parte, por um tempo, o conhecimento que foi adquirido por processos externos e que com frequência excessiva se petrifica em preconceito dogmático.

⁂

Um erro de tipo oposto é cometido por pessoas superficiais que, ecoando algumas frases que captaram de mestres sufis, andam por aí depreciando todo conhecimento. Isto é como se uma pessoa que não fosse perita em alquimia andasse por aí dizendo: "A alquimia é melhor que o ouro", e recusasse ouro quando este lhe fosse oferecido.

A alquimia é melhor que o ouro, mas verdadeiros alquimistas são muito raros, e assim são os verdadeiros sufis. Aquele que tem um mero verniz de sufismo não é superior a um homem erudito, assim como aquele que tentou alguns experimentos em alquimia não tem motivos para desprezar um homem rico.

Qualquer um que examinar a questão verá que a felicidade está necessariamente ligada ao conhecimento de Deus. Cada faculdade nossa se deleita naquilo para o qual foi criada: o desejo se deleita em realizar a concupiscência, a ira em se vingar, o olho em ver objetos belos e o ouvido em ouvir sons harmoniosos.

A função mais elevada da alma do homem é a percepção da verdade; nisto, consequentemente, ela encontra seu deleite especial. Mesmo em matérias triviais, tais como aprender xadrez, isso se aplica, e quanto mais elevado o assunto do conhecimento obtido, maior o deleite.

Um homem ficaria satisfeito ao ser admitido na confiança de um primeiro-ministro, mas quanto mais se o rei o torna um íntimo e lhe revela os segredos de Estado!

Um astrônomo que, por seu conhecimento, pode mapear as estrelas e descrever seus cursos, deriva mais prazer de seu conhecimento do que o jogador de xadrez do dele. Vendo, então, que nada é mais elevado do que Deus, quão grande deve ser o deleite que brota do verdadeiro conhecimento dEle!

Uma pessoa em quem o desejo por este conhecimento desapareceu é como quem perdeu o apetite por comida saudável, ou quem prefere alimentar-se de argila a comer pão. Todos os apetites corporais perecem na morte com os órgãos que usam, mas a alma não morre, e conserva qualquer conhecimento de Deus que possua; antes, o aumenta.

Uma parte importante do nosso conhecimento de Deus surge do estudo e da contemplação de nossos próprios corpos, que nos revelam o poder, a sabedoria e o amor do Criador.

Seu poder, no fato de que a partir de uma mera gota Ele construiu a maravilhosa estrutura do homem; Sua sabedoria se revela em suas complexidades e na adaptabilidade mútua de suas partes; e Seu amor é demonstrado por Ele não apenas fornecer os órgãos absolutamente necessários para a existência, como o fígado, o coração e o cérebro, mas aqueles que não são absolutamente necessários, como a mão, o pé, a língua e o olho.

A estes Ele acrescentou, como adornos, o negro dos cabelos, o vermelho dos lábios e a curva das sobrancelhas.

O homem foi verdadeiramente chamado de "microcosmo", ou um pequeno mundo em si mesmo, e a estrutura de seu corpo deveria ser estudada não apenas por aqueles que desejam se tornar médicos, mas por aqueles que desejam alcançar um conhecimento mais íntimo de Deus, assim como o estudo atento das sutilezas e matizes da linguagem em um grande poema nos revela cada vez mais o gênio de seu autor.

Mas, quando tudo é dito, o conhecimento da alma desempenha um papel mais importante em conduzir ao conhecimento de Deus do que o conhecimento do nosso corpo e de suas funções. O corpo pode ser comparado a uma montaria e a alma ao seu cavaleiro; o corpo foi criado para a alma, a alma para o corpo.

Se um homem não conhece a própria alma, que é a coisa mais próxima dele, de que adianta ele pretender conhecer os outros? É como se um mendigo que não tem com que fazer uma refeição pretendesse ser capaz de alimentar uma cidade.

Neste capítulo tentamos, em algum grau, expor a grandeza da alma do homem. Aquele que a negligencia e deixa suas capacidades enferrujarem ou degenerarem deve necessariamente ser o perdedor neste mundo e no próximo.

A verdadeira grandeza do homem reside em sua capacidade para o progresso eterno; caso contrário, nesta esfera temporal ele é a mais fraca de todas as coisas, estando sujeito à fome, à sede, ao calor, ao frio e à tristeza. As coisas em que ele mais se deleita são muitas vezes as mais prejudiciais a ele, e as coisas que o beneficiam não podem ser obtidas sem trabalho e fadiga.

Quanto ao seu intelecto, um leve desarranjo da matéria em seu cérebro é suficiente para destruí-lo ou enlouquecê-lo; quanto ao seu poder, a picada de uma vespa é suficiente para roubar-lhe o sossego e o sono; quanto ao seu temperamento, ele se perturba com a perda de seis centavos; quanto à sua beleza, ele é pouco mais que matéria náusea coberta por uma pele bonita. Sem lavagem frequente, ele se torna ultimamente repulsivo e vergonhoso.

Na verdade, o homem neste mundo é extremamente fraco e desprezível; é apenas no próximo que ele terá valor, se por meio da "alquimia da felicidade" ele se elevar da ordem dos animais para a dos anjos. Caso contrário, sua condição será pior que a dos brutos, que perecem e se transformam em pó. É necessário para ele, ao mesmo tempo em que está consciente de sua superioridade como o ápice das coisas criadas, aprender a conhecer também sua impotência, pois essa também é uma das chaves para o conhecimento de Deus.

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

O CONHECIMENTO DE DEUS

✦

É um dito muito conhecido do Profeta que "Aquele que conhece a si mesmo, conhece a Deus"; isto é, pela contemplação do seu próprio ser e atributos o homem chega a algum conhecimento de Deus. Mas como muitos que contemplam a si mesmos não encontram a Deus, segue-se que deve haver uma maneira especial de fazê-lo.

De fato, existem dois métodos de chegar a este conhecimento, mas um é tão abstruso que não se adapta às inteligências comuns e, portanto, é melhor deixá-lo sem explicação.

O outro método é o seguinte: Quando um homem considera a si mesmo, ele sabe que houve um tempo em que não existia, como está escrito no Alcorão: "Não ocorre ao homem que houve um tempo em que ele não era nada?" Ademais, ele sabe que foi feito de uma gota de água na qual não havia nem intelecto, nem audição, visão, cabeça, mãos, pés, etc.

Disto é óbvio que, seja qual for o grau de perfeição a que tenha chegado, ele não fez a si mesmo, nem pode agora fazer um único fio de cabelo.

Quão mais impotente, então, era sua condição quando ele era uma mera gota de água! Assim, como vimos no primeiro capítulo, ele encontra em seu próprio ser refletido em miniatura, por assim dizer, o poder, a sabedoria e o amor do Criador. Se todos os sábios do mundo se reunissem, e suas vidas fossem prolongadas por um tempo indefinido, eles não poderiam efetuar qualquer melhoria na construção de uma única parte do corpo.

Por exemplo, na adaptação dos dentes da frente e dos lados para a mastigação do alimento, e na construção da língua, das glândulas salivares e da garganta para a sua deglutição, encontramos um artifício que não pode ser aprimorado. Da mesma forma, quem quer que considere sua mão, com seus cinco dedos de comprimentos desiguais, quatro deles com três juntas e o polegar com apenas duas, e a maneira pela qual ela pode ser usada para agarrar, ou para carregar, ou para golpear, reconhecerá francamente que nenhuma quantidade de sabedoria humana poderia melhorá-la alterando o número e a disposição dos dedos, ou de qualquer outra forma.

Quando um homem considera ainda mais como suas várias necessidades de alimento, alojamento, etc., são amplamente supridas a partir do armazém da criação, ele se torna consciente de que a misericórdia de Deus é tão grande quanto Seu poder e sabedoria, como Ele próprio disse: "A Minha misericórdia é maior do que a Minha ira", e segundo o dito do Profeta: "Deus é mais terno para com Seus servos do que uma mãe para com seu filho de peito."

Assim, a partir de sua própria criação o homem chega a conhecer a existência de Deus, a partir das maravilhas de sua estrutura corporal o poder e a sabedoria de Deus, e a partir da ampla provisão feita para suas várias necessidades o amor de Deus. Desta forma, o conhecimento de si mesmo torna-se uma chave para o conhecimento de Deus.

Não apenas os atributos do homem são um reflexo dos atributos de Deus, mas o modo de existência da alma do homem oferece algum entendimento sobre o modo de existência de Deus.

Isto quer dizer que tanto Deus quanto a alma são invisíveis, indivisíveis, não limitados pelo espaço e pelo tempo, e fora das categorias de quantidade e qualidade; tampouco as ideias de forma, cor ou tamanho podem se apegar a eles.

As pessoas acham difícil formar uma concepção de realidades tais que carecem de qualidade e quantidade, etc., mas uma dificuldade semelhante se apega à concepção dos nossos sentimentos do dia a dia, tais como ira, dor, prazer ou amor. São conceitos do pensamento e não podem ser percebidos pelos sentidos; ao passo que qualidade, quantidade, etc., são conceitos dos sentidos.

Assim como o ouvido não pode tomar conhecimento da cor, nem o olho do som, assim também, ao concebermos as realidades últimas, Deus e a alma, nos encontramos em uma região em que os conceitos dos sentidos não podem ter parte.

Tanto, porém, podemos ver: que, assim como Deus é o Governante do universo e, estando Ele próprio além do espaço e do tempo, da quantidade e da qualidade, governa coisas que são assim condicionadas, da mesma forma a alma governa o corpo e seus membros, sendo ela própria invisível, indivisível e não localizada em qualquer parte especial.

Pois como pode o indivisível ser localizado naquilo que é divisível? De tudo isso vemos quão verdadeiro é o dito do Profeta: "Deus criou o homem à Sua própria imagem."

E, assim como chegamos a algum conhecimento da essência e dos atributos de Deus a partir da contemplação da essência e dos atributos da alma, as-

sim também passamos a compreender o método de trabalho e governo de Deus e a delegação de poder às forças angélicas, etc., observando como cada um de nós governa seu próprio pequeno reino.

Para tomar um exemplo simples: suponha que um homem deseje escrever o nome de Deus. Em primeiro lugar, o desejo é concebido em seu coração; ele é então transmitido ao cérebro pelos espíritos vitais; a forma da palavra "Deus" ganha corpo nas câmaras de pensamento do cérebro; dali viaja pelos canais nervosos e põe em movimento os dedos, os quais por sua vez põem em movimento a pena, e assim o nome "Deus" é traçado no papel exatamente como havia sido concebido no cérebro do escritor.

Da mesma forma, quando Deus quer uma coisa, ela aparece no plano espiritual, o qual no Alcorão é chamado de "O Trono"; do trono ela passa, por uma corrente espiritual, para um plano inferior chamado "A Cadeira"; então a forma dela aparece na "Tábua do Destino"; de onde, pela mediação das forças chamadas "anjos", assume atualidade e aparece na terra na forma de plantas, árvores e animais, representando a vontade e o pensamento de Deus, como as letras escritas representam o desejo concebido no coração e a forma presente no cérebro do escritor.

⁂

Ninguém pode entender um rei senão um rei; por conseguinte Deus fez cada um de nós um rei em 2. Al Kursi. miniatura, por assim dizer, sobre um reino que é uma cópia infinitamente reduzida do Seu próprio. No reino do homem, o "trono" de Deus é representado pela alma, o Arcanjo pelo coração, "a cadeira" pelo cérebro, "a tábua" pela câmara do tesouro do pensamento.

A alma, ela própria não localizada e indivisível, governa o corpo como Deus governa o universo. Em suma, a cada um de nós foi confiado um pequeno reino, e a cobrança de não sermos descuidados na administração dele.

Quanto ao reconhecimento da providência de Deus, existem muitos graus de conhecimento. O mero físico é como uma formiga que, rastejando em uma folha de papel e observando letras pretas se espalhando por ela, atribuísse a causa apenas à pena.

O astrônomo é como uma formiga de visão um pouco mais ampla que avistasse os dedos movendo a pena, isto é, ele sabe que os elementos estão sob o poder das estrelas, mas não sabe que as estrelas estão sob o poder dos anjos. Assim, devido aos diferentes graus de percepção nas pessoas, disputas devem surgir ao traçar os efeitos até às causas.

Aqueles cujos olhos nunca veem além do mundo dos fenômenos são como aqueles que confundem servos da mais baixa ordem com o rei. As leis dos fenômenos devem ser constantes, ou não poderia haver algo como a ciência; mas é um grande erro confundir os escravos com o senhor.

Enquanto existir essa diferença na faculdade perceptiva dos observadores, disputas necessariamente continuarão. É como se alguns homens cegos, ouvindo que um elefante tinha chegado à cidade deles, fossem examiná-lo.

O único conhecimento dele que eles podem obter vem através do sentido do tato: assim, um manuseia a perna do animal, outro a sua presa, outro a sua orelha e, de acordo com suas respectivas percepções, declaram que ele é uma coluna, um pau grosso ou uma colcha, cada um tomando uma parte

pelo todo. Assim o físico e o astrônomo confundem as leis que percebem com o Legislador.

Um erro semelhante é atribuído a Abraão no Alcorão, onde se relata que ele se voltou sucessivamente para as estrelas, a lua e o sol como objetos de sua adoração, até que, ciente dAquele que fez tudo isso, exclamou: "Não amo os que se põem."

Temos um exemplo comum disso, de me referir a causas segundas o que deveria ser referido à Causa Primeira, no caso da chamada enfermidade. Por exemplo, se um homem deixa de ter qualquer interesse em assuntos terrenos, concebe uma aversão por prazeres comuns e parece afundado em depressão, o médico dirá: "Este é um caso de melancolia e requer esta e aquela prescrição."

O físico dirá: "Esta é uma secura do cérebro causada pelo clima quente e não pode ser aliviada até que o ar se torne úmido." O astrólogos atribuirá isso a alguma conjunção ou oposição particular de planetas.

"Até aí chega a sabedoria deles", diz o Alcorão. Não lhes ocorre que o que realmente aconteceu é o seguinte: que o Todo-Poderoso tem uma solicitude pelo bem-estar daquele homem e, por conseguinte, ordenou a Seus servos, os planetas ou os elementos, que produzam tal condição nele para que ele possa se afastar do mundo para o seu Criador.

O conhecimento deste fato é uma pérola luzente do oceano do conhecimento inspiracional, para o qual todas as outras formas de conhecimento são como ilhas no mar.

O médico, o físico e o astrólogo estão sem dúvida certos, cada um em seu ramo particular de conhecimento, mas não veem que a enfermidade é, por assim dizer, um cordão de amor pelo qual Deus atrai para Si os santos a respeito dos quais disse: "Estive doente e não Me visitastes." A própria enfermidade é uma dessas formas de experiência pelas quais o homem chega ao conhecimento de Deus, como Ele diz pela boca do Seu Profeta: "As próprias enfermidades são Minhas servas e estão afeiçoadas aos Meus escolhidos."

As observações anteriores podem nos capacitar a penetrar um pouco mais profundamente no significado daquelas exclamações tão frequentemente nos lábios dos Fiéis: "Deus é santo", "Louvado seja Deus", "Não há outro Deus além de Deus", "Deus é grande".

A respeito desta última, podemos dizer que não significa que Deus é maior que a criação, pois a criação é a Sua manifestação como a luz manifesta o sol, e não seria correto dizer que o sol é maior que a sua própria luz.

Significa, antes, que a grandeza de Deus transcende imensuravelmente nossas faculdades cognitivas, e que só podemos formar uma ideia muito tênue e imperfeita dela.

Se uma criança nos pede para lhe explicar o prazer que existe em exercer a soberania, podemos dizer que é como o prazer que ela sente ao jogar taco e bola, embora na realidade os dois não tenham nada em comum, exceto que ambos entram na categoria de prazer. Assim, a exclamação "Deus é grande" significa que Sua grandeza excede de longe todas as nossas forças de compreensão.

Além disso, tal conhecimento imperfeito de Deus quanto o que podemos alcançar não é um mero conhecimento especulativo, mas deve ser acompanhado de devoção e culto. Quando um homem morre, ele tem a ver somente com Deus, e se temos de viver com uma pessoa, nossa felicidade depende inteiramente do grau de afeição que sentimos por ela.

O amor é a semente da felicidade, e o amor a Deus é fomentado e desenvolvido pelo culto. Tal culto e lembrança constante de Deus implicam um certo grau de austeridade e refreamento dos apetites corporais. Não que o homem deva abolir inteiramente estes últimos, pois então a raça humana pereceria.

Mas limites estritos devem ser estabelecidos para a sua indulgência, e como o homem não é o melhor juiz em seu próprio caso quanto ao que esses limites deveriam ser, é melhor que consulte algum guia espiritual sobre o assunto.

Tais guias espirituais são os profetas, e as leis que eles estabeleceram sob inspiração divina prescrevem os limites que devem ser observados nestas matérias. Aquele que transgride estes limites "faz mal à sua própria alma", como está escrito no Alcorão.

⁂

Não obstante este pronunciamento claro do Alcorão, há aqueles que, por sua ignorância de Deus, de fato transgridem estes limites, e essa ignorância pode ser devida a várias causas diferentes: Em primeiro lugar, há alguns que, falhando em encontrar a Deus pela observação, concluem que não há

Deus e que este mundo de maravilhas fez a si mesmo ou existiu desde a eternidade.

São como um homem que, vendo uma carta belamente escrita, supusesse que ela se escreveu a si mesma sem um escritor, ou que sempre existiu. As pessoas neste estado de espírito foram tão longe no erro que de pouco adianta argumentar com elas. Tais são alguns dos físicos e astrônomos a quem nos referimos acima.

Alguns, por ignorância da real natureza da alma, repudiam a doutrina de uma vida futura, na qual o homem será chamado a prestar contas e ser recompensado ou punido. Eles consideram a si mesmos não melhores que animais ou vegetais, e igualmente perecíveis. Alguns, por outro lado, creem em Deus e em uma vida futura, mas com uma crença fraca.

Dizem a si mesmos: "Deus é grande e independente de nós; nosso culto ou a abstinência do nosso culto é uma matéria de inteira indiferença para Ele." O estado de espírito deles é como o de um homem enfermo que, quando lhe é prescrito um certo regime pelo seu médico, dissesse: "Bem, se eu o seguir ou não o seguir, o que importa isso para o médico?"

Certamente não importa para o médico, mas o paciente pode destruir a si mesmo por sua desobediência. Tão certamente quanto uma enfermidade não controlada do corpo termina em morte corporal, da mesma forma uma doença não curada da alma termina em miséria futura, segundo o dito do Alcorão: "Apenas aqueles serão salvos que vierem a Deus com um coração são."

Um quarto tipo de incrédulos são aqueles que dizem: "A Lei nos diz para nos absteremos da ira, da concupiscência e da hipocrisia. Isto é claramente impossível, pois o homem é criado com essas qualidades inerentes a ele. Seria o mesmo que nos dizer para fazer do preto branco."

Essas pessoas tolas ignoram o fato de que a lei não nos diz para desarraigar essas paixões, mas para contê-las dentro dos devidos limites, de modo que, evitando os pecados maiores, possamos obter o perdão dos menores.

Até mesmo o Profeta de Deus disse: "Sou um homem como vós, e fico irado como os outros"; e no Alcorão está escrito: "Deus ama aqueles que reprimem a sua ira", não aqueles que não têm ira alguma.

Uma quinta classe dá ênfase à beneficência de Deus e ignora Sua justiça, dizendo a si mesmos: "Bem, faça o que fizermos, Deus é misericordioso." Eles não consideram que, embora Deus seja misericordioso, milhares de seres humanos perecem miseravelmente na fome e na doença.

Sabem que quem quer que deseje um sustento, ou riqueza, ou aprendizado, não deve meramente dizer "Deus é misericordioso", mas deve esforçar-se. Embora o Alcorão diga: "O sustento de cada criatura viva vem de Deus", também está escrito: "O homem nada obtém a não ser pelo esforço."

O fato é que tal ensino vem realmente do diabo, e tais pessoas só falam com os lábios, e não com o coração.

Uma sexta classe afirma ter atingido tal grau de santidade que o pecado não pode afetá-las. No entanto, se tratares uma delas com desrespeito, ela guardará rancor contra ti por anos, e se uma delas for privada de um bo-

cado de comida que julgue ser de seu direito, todo o mundo parecerá escuro e estreito para ela.

Mesmo que qualquer uma delas realmente conquiste suas paixões, não tem o direito de fazer tal afirmação, pois os profetas, o mais alto grau do gênero humano, constantemente confessavam e lamentavam seus pecados.

Alguns deles tinham tal pavor do pecado que até se abstinham de coisas lícitas; assim, relata-se do Profeta que, certo dia, tendo-lhe sido trazida uma tâmara, ele não a comeu por não ter certeza de que havia sido obtida de forma lícita.

Enquanto esses libertinos engolem galões de vinho e afirmam (estremeço enquanto escrevo) ser superiores ao Profeta, cuja santidade foi ameaçada por uma tâmara, enquanto a deles permanece inalterada por todo aquele vinho! Certamente eles merecem que o diabo os arraste para a perdição.

Os verdadeiros santos sabem que aquele que não domina seus apetites não merece o nome de homem, e que o verdadeiro muçulmano é aquele que reconhecerá de bom grado os limites imposedos pela Lei. Aquele que se esforça, sob qualquer pretexto, para ignorar suas obrigações está certamente sob influência satânica, e com ele se deve falar não com uma pena, mas com uma espada.

Estes pseudomísticos às vezes fingem estar afogados em um mar de maravilha, mas se lhes perguntares de que estão se maravilhando, eles não sabem. Deveria ser-lhes dito para se maravilharem tanto quanto quiserem, mas ao

mesmo tempo para se lembrarem de que o Todo-Poderoso é seu Criador e que eles são Seus servos.

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

O CONHECIMENTO DESTE MUNDO

✦

Este mundo é um palco ou mercado por onde passam os peregrinos a caminho do próximo. É aqui que eles devem se abastecer de provisões para o caminho; ou, para dizer claramente, o homem adquire aqui, pelo uso de seus sentidos corporais, algum conhecimento das obras de Deus e, através delas, do próprio Deus, cuja visão constituirá sua beatitude futura.

É para a aquisição desse conhecimento que o espírito do homem desceu a este mundo de água e barro. Enquanto seus sentidos permanecem com ele, diz-se que ele está "neste mundo"; quando eles se vão, e apenas seus atributos essenciais permanecem, diz-se que ele foi para "o próximo mundo".

Enquanto o homem está neste mundo, duas coisas lhe são necessárias: primeiro, a proteção e o cultivo de sua alma; segundo, o cuidado e o cultivo de seu corpo. O alimento apropriado da alma, como mostrado acima, é o conhecimento e o amor de Deus, e estar absorvido no amor de qualquer outra coisa que não seja Deus é a ruína da alma.

O corpo, por assim dizer, é simplesmente o animal de montaria da alma, e perece enquanto a alma perdura. A alma deve cuidar do corpo, assim como um peregrino a caminho de Meca cuida de seu camelo; mas se o peregrino passar todo o seu tempo alimentando e adornando seu camelo, a caravana o deixará para trás, e ele perecerá no deserto.

As necessidades corporais do homem são simples, sendo compreendidas em três tópicos: alimento, vestuário e moradia; mas os desejos corporais

que nele foram implantados tendo em vista a obtenção destes são propensos a se rebelar contra a razão, que é de desenvolvimento mais tardio do que eles. Assim, como vimos acima, eles precisam ser freados e restringidos pelas leis divinas promulgadas pelos profetas.

Considerando o mundo com o qual temos de lidar por um tempo, o encontramos dividido em três reinos — animal, vegetal e mineral. Os produtos de todos os três são continuamente necessários ao homem e deram origem a três ocupações principais — as do tecelão, do construtor e do trabalhador em metal.

Estas, por sua vez, têm muitos ramos subordinados, como alfaiates, pedreiros, ferreiros, etc. Ninguém pode ser inteiramente independente dos outros; isso dá origem a várias conexões e relações de negócios, e estas frequentemente proporcionam ocasiões para o ódio, a inveja, o ciúme e outras enfermidades da alma.

Daí vêm as brigas e discórdias, e a necessidade de um governo político e civil e do conhecimento da lei.

Assim, as ocupações e os negócios do mundo tornaram-se cada vez mais complicados e trabalhosos, devendo-se principalmente ao fato de que os homens se esqueceram de que suas necessidades reais são apenas três — vestuário, alimento e abrigo, e que estes existem apenas com o objetivo de tornar o corpo um veículo adequado para a alma em sua jornada rumo ao próximo mundo.

Eles caíram no mesmo erro que o peregrino a Meca, mencionado acima, que, esquecendo-se do objetivo de sua peregrinação e de si mesmo, passasse

todo o seu tempo alimentando e adornando seu camelo.

A menos que o homem mantenha a mais rigorosa vigilância, ele certamente será fascinado e emaranhado pelo mundo, que, como disse o Profeta, é "um feiticeiro mais potente do que Harut e Marut".

O caráter enganoso do mundo se manifesta das seguintes maneiras. Em primeiro lugar, ele finge que permanecerá sempre com você, enquanto, na realidade, está se esvaindo de você, momento a momento, e se despedindo, como uma sombra que parece estacionária, mas está na verdade sempre se movendo.

Da mesma forma, o mundo se apresenta sob o disfarce de uma feiticeira radiante, porém imoral, finge estar apaixonada por você, o acarinha e depois se vai para os seus inimigos, deixando-o morrer de desgosto e desespero. Jesus (que a paz esteja sobre ele!) viu o mundo revelado na forma de uma velha feia.

Ele lhe perguntou quantos maridos ela possuíra; ela respondeu que eram inumeráveis. Ele perguntou se eles haviam morrido ou se haviam se divorciado; ela disse que os havia matado a todos. "Maravilho-me", disse ele, "com os tolos que veem o que você fez aos outros e ainda a desejam."

Esta feiticeira se enfeita com trajes deslumbrantes e joias e cobre o rosto com um véu. Então ela sai para seduzir os homens, dos quais muitos a seguem para a sua própria destruição. O Profeta disse que, no Dia do Juízo, o mundo aparecerá na forma de uma bruxa horrenda, de olhos verdes e dentes proeminentes. Os homens, ao contemplá-la, dirão: "Misericórdia! Quem é esta?"

Os anjos responderão: "Este é o mundo por amor do qual vocês brigaram, lutaram e amarguraram as vidas uns dos outros." Então ela será lançada no inferno, de onde clamará: "Ó Senhor! Onde estão aqueles meus antigos amantes?" Deus ordenará então que eles sejam lançados atrás dela.

Quem quer que contemple seriamente a eternidade passada durante a qual o mundo não existia, e a eternidade futura durante a qual ele não existirá, verá que ele é essencialmente como uma viagem, na qual as etapas são representadas por anos, as léguas por meses, as milhas por dias e os passos por momentos. Que palavras, então, podem retratar a tolice do homem que se esforça para fazer dele sua morada permanente, e faz planos com dez anos de antecedência sobre coisas de que talvez nunca precise, visto que é muito possível que esteja debaixo da terra em dez dias!

Aqueles que se entregaram sem limites aos prazeres do mundo, no momento da morte serão como um homem que se fartou até a saciedade com manjares deliciosos e depois os vomita. A delícia se foi, mas a desonra permanece.

Quanto maior a abundância de posses que desfrutaram na forma de jardins, escravos e escravas, ouro, prata, etc., mais intensamente sentirão a amargura de se separar delas. Esta é uma amargura que sobreviverá à morte, pois a alma que contraiu a cobiça como um hábito fixo sofrerá necessariamente, no próximo mundo, com as dores do desejo não satisfeito.

Outra propriedade perigosa das coisas terrenas é que a princípio elas parecem meras niquices, mas cada uma dessas chamadas "niquices" se desdobra em inúmeras ramificações até devorar todo o tempo e a energia do homem.

Jesus (sobre quem esteja a paz!) disse: "O amante do mundo é como o homem que bebe água do mar; quanto mais bebe, mais sede tem, até que por fim perece com a sede insatisfeita." O Profeta disse: "Você não pode se misturar com o mundo sem ser contaminado por ele mais do que pode entrar na água sem se molhar."

O mundo é como uma mesa posta para sucessivos turnos de convidados que vêm e vão. Há pratos de ouro e prata, abundância de comida e perfumes. O convidado sábio come o bastante para si, sente o aroma dos perfumes, agradece ao seu anfitrião e parte. O convidado tolo, por outro lado, tenta carregar alguns dos pratos de ouro e prata, apenas para vê-los arrancados de suas mãos e a si mesmo expulso, decepcionado e deshonrado.

Podemos encerrar estas ilustrações da falsidade do mundo com a seguinte breve parábola. Suponha que um navio chegue a uma certa ilha bem arborizada. O capitão do navio diz aos passageiros que parará lá por algumas horas e que eles podem ir à terra por um curto período, mas os adverte a não se demorarem muito. Assim, os passageiros desembarcam e passeiam em diferentes direções.

Os mais sábios, contudo, retornam após pouco tempo e, encontrando o navio vazio, escolhem os lugares mais confortáveis nele. Um segundo grupo de passageiros passa um tempo um pouco mais longo na ilha, admirando a folhagem das árvores e ouvindo o canto dos pássaros.

Ao embarcarem, encontram os melhores lugares do navio já ocupados e têm de se contentar com os menos confortáveis. Um terceiro grupo vagueia ainda mais longe e, encontrando algumas pedras de cores brilhantes, carrega-as de volta ao navio.

O atraso em embarcar os obriga a se acomodarem nas partes inferiores do navio, onde encontram suas cargas de pedras, que a essa altura já perderam todo o seu brilho, atrapalhando-os muito. O último grupo vai tão longe em suas caminhadas que fica completamente fora do alcance da voz do capitão que os chama para embarcar, e por fim ele precisa navegar sem eles.

Eles vagueiam em uma condição desesperadora e finalmente perecem de fome ou caem presa de feras selvagens.

O primeiro grupo representa os fiéis que se mantêm completamente afastados do mundo, e o último grupo, os infiéis que se importam apenas com este mundo e nada com o próximo. As duas classes intermediárias são aqueles que preservam sua fé, mas se emaranham mais ou menos com as vaidades das coisas presentes.

Embora tenhamos dito tanto contra o mundo, deve-se lembrar que existem algumas coisas no mundo que não são dele, tais como o conhecimento e as boas ações. O homem carrega consigo para o próximo mundo o conhecimento que possui, e, embora suas boas ações tenham passado, porém o efeito delas permanece em seu caráter. Este é especialmente o caso dos atos de devoção, que resultam na perpétua lembrança e amor de Deus. Estes estão entre "aquelas boas coisas" que, como diz o Alcorão, "não passam".

Existem outras coisas boas no mundo, como o casamento, o alimento, o vestuário, etc., que o homem sábio usa exatamente na proporção em que o ajudam a alcançar o próximo mundo. Outras coisas, que absorvem a mente, fazendo-a apegar-se a este mundo e descuidar do próximo, são puramente más e foram aludidas pelo Profeta quando disse: "O mundo é uma maldi-

ção, e tudo o que há nele é uma maldição, exceto a lembrança de Deus e aquilo que a auxilia."

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

O CONHECIMENTO DO PRÓXIMO MUNDO

✦

No tocante às alegrias do céu e às dores do inferno que se seguirão a esta vida, todos os crentes no Alcorão e nas Tradições estão suficientemente informados. Mas muitas vezes lhes escapa que existe também um céu e um inferno espirituais, a respeito do primeiro dos quais Deus disse ao Seu Profeta: "Olhos não viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais subiu ao coração do homem a concepção das coisas que estão preparadas para os justos."

No coração do homem iluminado há uma janela que se abre para as realidades do mundo espiritual, de modo que ele sabe, não por ouvir dizer ou por crença tradicional, mas por experiência real, o que produz a miséria ou a felicidade na alma tão clara e decididamente quanto o médico sabe o que produz a doença ou a saúde no corpo.

Ele reconhece que o conhecimento de Deus e a adoração são medicinais, e que a ignorância e o pecado são venenos mortais para a alma. Muitos homens, mesmo os chamados "doutos", por seguirem cegamente as opiniões alheias, não têm certeza real em suas crenças quanto à felicidade ou à miséria das almas no próximo mundo; mas aquele que atentar para o assunto com uma mente livre de preconceitos chegará a convicções claras sobre essa matéria.

O efeito da morte sobre a natureza composta do homem é o seguinte: o homem tem duas almas, uma alma animal e uma alma espiritual, sendo esta última de natureza angélica.

A sede da alma animal é o coração, do qual essa alma emana como um vapor sutil e perpassa todos os membros do corpo, dando o poder da visão ao olho, o poder da audição ao ouvido e a cada membro a faculdade de realizar suas próprias funções apropriadas. Ela pode ser comparada a uma lâmpada carregada dentro de uma cabana, cuja luz incide sobre as paredes por onde quer que vá.

O coração é o pavio dessa lâmpada, e quando o fornecimento de óleo é cortado por qualquer motivo, a lâmpada se apaga. Tal é a morte da alma animal. Com a alma espiritual, ou humana, o caso é diferente. Ela é indivisível, e por meio dela o homem conhece a Deus.

Ela é, por assim dizer, o cavaleiro da alma animal, e quando esta perece ela ainda permanece, mas é como um cavaleiro que foi desmontado, ou como um caçador que perdeu suas armas. Aquele corcel e aquelas armas foram concedidos à alma humana para que por meio deles ela pudesse perseguir e capturar a Fênix do amor e do conhecimento de Deus.

Se ela realizou essa captura, não é um desgosto, mas antes um alívio poder deixar de lado essas armas e desmontar daquele corcel cansado. Por conseguinte, o Profeta disse: "A morte é um presente bem-vindo de Deus para o crente." Mas ai daquela alma que perde seu corcel e suas armas de caça antes de ter capturado o prêmio! Sua miséria e seu pesar serão indescritíveis.

Uma consideração um pouco mais aprofundada mostrará quão inteiramente distinta a alma humana é do corpo e de seus membros. Membro após membro pode ser paralisado e cessar de funcionar, mas a individualidade da alma permanece ilesa.

Além disso, o corpo que você tem agora não é mais o corpo que tinha quando criança, mas totalmente diferente, e no entanto a sua personalidade agora é idêntica à sua personalidade de então.

É, por conseguinte, fácil concebê-la persistindo quando se acabar o corpo por completo, junto com seus atributos essenciais que eram independentes do corpo, como o conhecimento e o amor de Deus. Este é o significado daquele ditado do Alcorão: "As boas coisas permanecem."

Mas se, em vez de carregar consigo o conhecimento, você partir na ignorância de Deus, essa ignorância também é um atributo essencial, e permanecerá como escuridão da alma e semente da miséria. Portanto, o Alcorão diz: "Aquele que é cego nesta vida será cego na outra vida e desviado do caminho."

A razão de o espírito humano buscar retornar àquele mundo superior é que sua origem veio de lá, e que ele é de natureza angélica. Ele foi enviado para esta esfera inferior contra a sua vontade para adquirir conhecimento e experiência, como Deus disse no Alcorão: "Descei daqui, todos vós; virá a vós instrução da Minha parte, e aqueles que obedecerem à instrução não precisam temer, nem serão entristecidos."

O verso: "Soprei no homem do Meu espírito", também aponta para a origem celestial da alma humana. Assim como a saúde da alma animal consiste no equilíbrio de suas partes componentes, e este equilíbrio é restaurado, quando prejudicado, por remédio apropriado, assim também a saúde da alma humana consiste em um equilíbrio moral que é mantido e reparado, quando necessário, por instrução ética e preceitos morais.

Quanto à sua existência futura, já vimos que a alma humana é essencialmente independente do corpo. Todas as objeções à sua existência após a morte baseadas na suposta necessidade de ela recuperar seu corpo anterior caem, por conseguinte, por terra.

Alguns teólogos supuseram que a alma humana é aniquilada após a morte e depois restaurada, mas isso é contrário tanto à razão quanto ao Alcorão. A primeira nos mostra que a morte não destrói a individualidade essencial de um homem, e o Alcorão diz: "Não penseis que aqueles que são mortos no caminho de Deus estão mortos; não, eles estão vivos, regozijando-se na presença de seu Senhor e na graça que lhes foi concedida."

Nem uma palavra é dita na Lei sobre qualquer um dos mortos, bons ou maus, ser aniquilado. Na verdade, diz-se que o Profeta questionou os espíritos dos infiéis mortos quanto a se haviam achado reais ou não os castigos com que os ameaçara. Quando seus seguidores lhe perguntaram qual era a utilidade de questioná-los, ele respondeu: "Eles ouvem minhas palavras melhor do que vós."

Alguns sufis tiveram o mundo invisível do céu e do inferno revelado a eles quando em um estado de transe semelhante à morte. Ao recuperarem a consciência, seus rostos traem a natureza das revelações que tiveram por marcas de alegria ou terror.

Mas nenhuma visão é necessária para provar o que ocorrerá a todo homem pensante: que, quando a morte o tiver despojado de seus sentidos e lhe tiver deixado nada além de sua simples personalidade, se enquanto esteve na terra ele se apegou demasiadamente a objetos percebidos pelos sentidos,

tais como esposas, filhos, riquezas, terras, escravos e escravas, etc., ele deve necessariamente sofrer quando desprovido desses objetos.

Enquanto, ao contrário, se tiver na medida do possível virado as costas a todos os objetos terrenis e fixado seu afeto supremo em Deus, ele acolherá a morte como um meio de fuga dos emaranhados terrenos e de união com Aquele a quem ama. Em seu caso, os ditados do Profeta serão verificados:

"A morte é uma ponte que une amigo a amigo", e "O mundo é um paraíso para os infiéis, mas uma prisão para os fiéis."

⁂

Por outro lado, as dores que as almas sofrem após a morte têm todas a sua fonte no amor excessivo pelo mundo. O Profeta disse que todo descrente, após a morte, será atormentado por noventa e nove serpentes, cada uma tendo nove cabeças. Algumas pessoas de mente simples examinaram os túmulos dos descrentes e se maravilharam por não verem essas serpentes.

Elas não entendem que essas serpentes têm sua morada dentro do espírito do descrente, e que existiam nele mesmo antes de ele morrer, pois eram suas próprias qualidades más simbolizadas, tais como ciúme, ódio, hipocrisia, orgulho, engano, etc., cada uma das quais brota, direta ou remotamente, do amor ao mundo.

Tal é a sina daqueles que, nas palavras do Alcorão, "puseram seus corações neste mundo antes do que no próximo". Se aquelas serpentes fossem meramente externas, eles poderiam esperar escapar de seu tormento, ainda que fosse por um momento; mas, sendo seus próprios atributos inerentes, como podem escapar?

Tome-se, por exemplo, o caso de um homem que vendeu uma escrava sem saber o quanto estava apegado a ela até que ela esteja totalmente fora de seu alcance. Então o amor por ela, até então adormecido, desperta nele com tal intensidade que equivale a uma tortura, picando-o como uma cobra, de modo que ele se lançaria de bom grado no fogo ou na água para escapar dela.

Tal é o efeito do amor ao mundo, do qual aqueles que o possuem frequentemente não suspeitam até que o mundo lhes seja tirado, e então o tormento do desejo vão é tal que eles de bom grado o trocariam por qualquer número de meras serpentes e escorpiões externos.

Todo pecador carrega assim consigo para o mundo além da morte os instrumentos de sua própria punição; e o Alcorão diz verdadeiramente: "Em verdade vereis o inferno; vós o vereis com o olho da certeza", e "o inferno cerca os descrentes". Não diz "os cercará", pois ele está ao redor deles já agora.

Alguns podem objetar: "Se tal é o caso, então quem pode escapar do inferno, pois quem não está mais ou menos preso ao mundo por vários laços de afeto e interesse?" A isso respondemos que há alguns, notadamente os faquires, que se desvincularam inteiramente do amor ao mundo.

Mas mesmo entre aqueles que têm posses terrenas, tais como esposa, filhos, casas, etc., há aqueles que, embora tenham algum afeto por estas coisas, amam a Deus ainda mais.

O caso deles é como o de um homem que, embora possa ter uma morada de que gosta em uma cidade, quando é chamado pelo rei para assumir um

posto de autoridade em outra cidade, o faz com alegria, pois o posto de autoridade lhe é mais caro do que sua antiga morada. Tais são muitos dos profetas e santos.

Outros há, e em grande número, que têm algum amor a Deus, mas o amor do mundo a tal ponto predomina neles que eles terão de sofrer uma boa dose de dor após a morte antes de serem completamente desmamados dele. Muitos professam amar a Deus, mas o homem pode facilmente testar a si mesmo observando para qual lado a balança de seu afeto se inclina quando os mandamentos de Deus entram em colisão com alguns de seus desejos. A profissão de amor a Deus que é insuficiente para conter a desobediência a Deus é uma mentira.

Vimos acima que um tipo de inferno espiritual é a separação forçada das coisas terrenas às quais o coração se apegou com demasiado afeto. Muitos carregam dentro de si os germes de tal inferno sem se darem conta disso; mais tarde, eles se sentirão como um rei que, depois de viver no luxo, foi destronado e transformado em motivo de chacota.

O segundo tipo de inferno espiritual é o da vergonha, quando o homem desperta para ver a natureza das ações que cometeu em sua nua realidade. Assim, aquele que caluniou se verá sob o disfarce de um canibal comendo a carne de seu irmão morto, e aquele que invejou como alguém que atirou pedras contra uma parede, pedras essas que, ao ricochetearem, furaram os olhos de seus próprios filhos.

Esta espécie de inferno, isto é, de vergonha, pode ser simbolizada pela seguinte breve parábola: suponha que um certo rei esteve celebrando o casamento de seu filho. À noite, o jovem sai com alguns companheiros e logo

retorna ao palácio (segundo ele pensa) embriagado. Ele entra em uma câmara onde uma luz está acesa e se deita, como supõe, ao lado de sua noiva.

De manhã, quando a sobriedade retorna, ele fica aterrorizado ao se encontrar em um necrotério de adoradores do fogo, sendo seu leito um esquife, e a forma que ele confundiu com a de sua noiva, o cadáver de uma velha começando a se decompor.

Ao emergir do necrotério com suas vestes todas sujas, qual não é sua vergonha ao ver seu pai, o rei, aproximar-se com um séquito de soldados! Tal é uma fraca imagem da vergonha que sentirão no próximo mundo aqueles que neste mundo se abandonaram gananciosamente ao que pensavam ser prazeres.

O terceiro inferno espiritual é o da decepção e da falha em alcançar os reais objetivos da existência. O homem foi destinado a refletir a luz do conhecimento de Deus, mas se ele chega ao próximo mundo com sua alma espessamente coberta com a ferrugem da indulgência sensual, ele falhará completamente no objetivo para o qual foi feito.

Sua decepção pode ser figurada da seguinte maneira: suponha que um homem esteja passando com alguns companheiros por uma floresta escura. Aqui e ali, reluzindo no chão, jazem pedras de cores variadas. Seus companheiros recolhem e carregam essas pedras e o aconselham a fazer o mesmo.

"Pois", dizem eles, "ouvimos dizer que estas pedras alcançarão um alto preço no lugar para onde vamos." Ele, por outro lado, ri deles e os chama de tolos por se carregarem na esperança vã de ganho, enquanto ele caminha livre e desimpedido.

Em breve eles emergem para a plena luz do dia e descobrem que essas pedras coloridas são rubis, esmeraldas e outras joias de valor inestimável. A decepção e o desgosto do homem por não ter recolhido algumas quando estavam tão facilmente ao seu alcance podem ser mais facilmente imaginados do que descritos.

Tal será o remorso daqueles que mais tarde, enquanto passavam por este mundo, não tiveram nenhum trabalho para adquirir as joias da virtude e os tesouros da religião.

⁂

Esta jornada do homem pelo mundo pode ser dividida em quatro estágios — o sensorial, o experimental, o instintivo e o racional. No primeiro, ele é como uma mariposa que, embora tenha visão, não tem memória, e se queimará de novo e de novo na mesma vela. No segundo estágio, ele é como um cão que, tendo sido espancado uma vez, fugirá ao ver um bastão.

No terceiro, ele é como um cavalo ou uma ovelha, ambos os quais fogem instintivamente ao ver um leão ou um lobo, seus inimigos naturais, enquanto não fogem de um camelo ou de um búfalo, embora estes últimos sejam muito maiores em tamanho.

No quarto estágio, o homem transcende totalmente os limites dos animais e se torna capaz, até certo ponto, de prever o futuro e prover para ele. Seus movimentos no início podem ser comparados ao caminhar comum em terra firme, depois ao atravessar o mar em um navio, depois, no quarto plano, onde ele é conhecedor das realidades, ao caminhar sobre o mar, en-

quanto além deste plano há um quinto, conhecido pelos profetas e santos, cujo progresso pode ser comparado ao voar pelo ar.

Assim, o homem é capaz de existir em vários planos diferentes, do animal ao angélico, e precisamente nisso reside o seu perigo, isto é, de cair ao nível mais baixo de todos. No Alcorão está escrito: "Oferecemos o fardo (isto é, a responsabilidade ou o livre-arbítrio) aos céus, à terra e às montanhas, e eles se recusaram a assumi-lo.

Mas o homem o tomou sobre si: Em verdade ele é ignorante." Nem os animais nem os anjos podem mudar sua posição e lugar determinados. Mas o homem pode afundar até o animal ou alçar voo até o anjo, e este é o significado de ele assumir aquele "fardo" de que fala o Alcorão.

A maioria dos homens escolhe permanecer nos dois estágios inferiores mencionados acima, e os estacionários são sempre hostis aos viajantes ou peregrinos, a quem superam em muito em número.

Muitos da primeira classe, não tendo convicções fixas sobre o mundo futuro, quando dominados por seus apetites sensuais, o negam inteiramente. Dizem que o inferno é meramente uma invenção dos teólogos para assustar as pessoas, e consideram os próprios teólogos com um desprezo mal disfarçado. Argumentar com tolos desse tipo é de muito pouca utilidade.

Isso no entanto se pode dizer a um homem assim, com o possível resultado de fazê-lo parar e refletir: "Você realmente pensa que os cento e vinte e quatro mil profetas e santos que acreditavam na vida futura estavam todos errados, e você está certo em negá-la?" Se ele responder: "Sim!

Estou tão certo de que não há alma nem vida futura de alegria e punição quanto de que dois é mais do que um", então o caso de tal homem é desesperador; tudo o que se pode fazer é deixá-lo em paz, lembrando das palavras do Alcorão: "Ainda que os chames para a instrução, eles não serão instruídos."

Mas, se ele disser que uma vida futura é possível, mas que a doutrina está tão envolta em dúvidas e mistérios que é impossível decidir se é verdadeira ou não, então se pode dizer a ele: "Então é melhor dar a ela o benefício da dúvida!

Suponha que você esteja prestes a comer um alimento e alguém lhe diga que uma serpente cuspiu veneno nele; você provavelmente se absteria e preferiria suportar as dores da fome a comê-lo, embora seu informante possa estar brincando ou mentindo.

Ou suponha que você esteja doente e um escritor de amuletos diga: 'Dê-me uma rupia e eu escreverei um amuleto que você pode amarrar ao redor do pescoço e que o curará'; você provavelmente daria a rupia pela chance de obter benefício do amuleto.

Ou se um astrólogo disser: 'Quando a lua tiver entrado em determinada constelação, tome tal e tal remédio, e você se recuperará'; embora você possa ter muito pouca fé na astrologia, é muito provável que tentaria o experimento pela chance de ele estar certo.

E não pensa você que a confiança é tão bem depositada nas palavras de todos os profetas, santos e homens sagrados, convencidos como estavam de

uma vida futura, quanto na promessa de um escritor de amuletos ou de um astrólogo?

As pessoas fazem viagens perigosas em navios por causa de lucros meramente prováveis, e você não sofrerá uma pequena dor de abstinência agora por causa da alegria eterna no porvir?"

O Senhor Ali disse uma vez, ao argumentar com um descrente: "Se você estiver certo, nenhum de nós estará pior no futuro; mas se nós estivermos certos, então nós escaparemos e você sofrerá." Ele disse isso não porque ele próprio estivesse em alguma dúvida, mas meramente para causar uma impressão no descrente.

De tudo o que dissemos, segue-se que o principal negócio do homem neste mundo é preparar-se para o próximo. Mesmo que ele duvide de uma existência futura, a razão sugere que ele deve agir como se houvesse uma, considerando as tremendas questões em jogo. A paz esteja com aqueles que seguem a instrução!

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

SOBRE A MÚSICA E A DANÇA COMO AUXILIARES DA VIDA RELIGIOSA

✦

O coração do homem foi de tal modo constituído pelo Todo-Poderoso que, tal como um pedernal, contém um fogo oculto que é evocado pela música e pela harmonia, e deixa o homem fora de si de êxtase.

Essas harmonias são ecos daquele mundo superior de beleza a que chamamos mundo dos espíritos; elas lembram ao homem sua relação com esse mundo, e produzem nele uma emoção tão profunda e estranha que ele próprio é incapaz de explicá-la.

O efeito da música e da dança é tanto mais profundo quanto mais simples e inclinadas à emoção forem as naturezas sobre as quais atuam; elas inflamam qualquer amor que já esteja adormecido no coração, seja ele terreno e sensual, ou divino e espiritual.

Assim sendo, tem havido muita disputa entre os teólogos sobre a licitude da música e da dança consideradas como exercícios religiosos. Uma seita, os zahiristas, sustentando que Deus é inteiramente incomensurável com o homem, nega a possibilidade de o homem realmente sentir amor por Deus, e diz que ele só pode amar aqueles de sua própria espécie.

Se ele sente o que julga ser amor por seu Criador, dizem ser uma mera projeção, ou sombra projetada por sua própria fantasia, ou um reflexo do amor

à criatura; a música e a dança, segundo eles, só têm a ver com o amor à criatura, e são, portanto, ilícitas como exercícios religiosos.

Se lhes perguntamos qual é o significado daquele «amor a Deus» prescrito pela lei religiosa, respondem que significa obediência e culto. Este é um erro que esperamos confutar em um capítulo posterior sobre o amor de Deus. No momento, contentamo-nos em dizer que a música e a dança não colocam no coração o que já não está lá, mas apenas inflamam emoções adormecidas.

Por conseguinte, se um homem tem em seu coração aquele amor a Deus que a Lei prescreve, é perfeitamente lícito, e até louvável, que participe de exercícios que o promovam. Por outro lado, se seu coração está cheio de desejos sensuais, a música e a dança só os aumentarão e são, portanto, ilícitas para ele.

Ao passo que, se ele as ouve apenas por entretenimento, não são nem lícitas nem ilícitas, mas indiferentes. Pois o mero fato de serem agradáveis não as torna ilícitas, assim como o prazer de ouvir o canto dos pássaros ou olhar a relva verde e a água corrente não é ilícito.

O caráter inocente da música e da dança, consideradas meramente como passatempo, é também corroborado por uma tradição autêntica que temos da Senhora Aisha, que narra: «Em um dia de festa, alguns negros estavam se apresentando em uma mesquita. O Profeta disse-me: 'Desejas vê-los?' Respondi: 'Sim.' Assim, ele me ergueu com sua própria mão abençoada, e olhei por tanto tempo que ele disse mais de uma vez: 'Já não tiveste o suficiente?'» Outra tradição da Senhora Aisha é a seguinte: «Em um dia de

festa, duas garotas vieram à minha casa e começaram a tocar e cantar. O Profeta entrou e deitou-se no sofá, virando o rosto.

Logo Abu Bakr entrou e, vendo as garotas tocando, exclamou: 'O quê! a flauta de Satanás na casa do Profeta!' Ao que o Profeta se virou e disse: 'Deixa-as em paz, Abu Bakr, pois este é um dia de festa.'»

Passando por cima dos casos em que a música e a dança inflamam maus desejos já adormecidos no coração, chegamos àqueles casos em que são completamente lícitas.

Tais são os dos peregrinos que celebram as glórias da Casa de Deus em Meca em canção, e assim incitam outros a ir em peregrinação, e dos trovadores cuja música e canções despertam o ardor marcial no peito de seus ouvintes e os incitam a lutar contra os infiéis.

Da mesma forma, a música lamentosa que desperta a tristeza pelo pecado e pela falha na vida religiosa é lícita; dessa natureza era a música de Davi. Mas os prantos fúnebres que aumentam a tristeza pelos mortos não são lícitos, pois está escrito no Alcorão: «Não vos desespereis pelo que perdestes.»

Por outro lado, a música alegre em casamentos e banquetes e em ocasiões como uma circuncisão ou o retorno de uma viagem é lícita.

Chegamos agora ao uso puramente religioso da música e da dança: tal é o dos sufis, que por esse meio despertam em si mesmos um maior amor a Deus e, por meio da música, muitas vezes obtêm visões espirituais e êxtases, tornando-se o coração deles nessa condição tão limpo quanto a prata na chama de uma fornalha, e atingindo um grau de pureza que jamais poderia

ser alcançado por qualquer quantidade de meras austeridades exteriores. O sufi torna-se então tão intensamente consciente de sua relação com o mundo espiritual que perde toda a consciência deste mundo, e muitas vezes cai desacordado.

Não é, contudo, lícito ao aspirante ao sufismo participar dessa dança mística sem a permissão de seu «Pir», ou diretor espiritual. Relata-se do xeque Abu'l Qasim Girgani que, quando um de seus discípulos pediu licença para participar de tal dança, ele disse: «Guarda um jejum rigoroso por três dias; depois deixa que cozinhem para ti pratos tentadores; se, então, ainda preferires a 'dança', podes participar dela.»

O discípulo, porém, cujo coração não está completamente purificado dos desejos terrenos, embora possa ter obtido algum vislumbre do caminho dos místicos, deve ser proibido por seu diretor de participar de tais danças, pois elas lhe farão mais mal do que bem.

Aqueles que negam a realidade dos êxtases e de outras experiências espirituais dos sufis meramente traem sua própria mente estreita e visão superficial. Deve-se, contudo, dar algum desconto a eles, pois é tão difícil crer na realidade de estados dos quais não se tem experiência pessoal quanto é para um cego compreender o prazer de olhar a relva verde e a água corrente, ou para uma criança compreender o prazer de exercer a soberania.

Um homem sábio, embora ele próprio possa não ter experiência desses estados, não negará por isso a sua realidade, pois que tolice pode ser maior do que a daquele que nega a realidade de uma coisa meramente porque ele próprio não a experimentou! De tais pessoas está escrito no Alcorão:

«Aqueles que não têm a orientação dirão: 'Isto é uma impostura manifesta.'»

Quanto à poesia erótica que é recitada em reuniões sufis, e à qual as pessoas às vezes fazem objeção, devemos lembrar que, quando em tal poesia se faz menção à separação ou à união com a pessoa amada, o sufi, que é um adepto do amor a Deus, aplica tais expressões à separação ou à união com Ele. Da mesma forma, «tranças escuras» são tomadas como significando a escuridão da descrença; «o brilho do rosto», a luz da fé, e a embriaguez, o êxtase do sufi. Tome-se, por exemplo, o verso:

Podes medir milhares de medidas de vinho, Mas, até que o bebas, alegria alguma é tua.

Com isso o autor quer dizer que os verdadeiros deleites da religião não podem ser alcançados por meio de instrução formal, mas por atração e desejo sentidos. Um homem pode conversar muito e escrever volumes sobre o amor, a fé, a piedade e assim por diante, e enegrecer o papel na medida que quiser, mas até que ele próprio possua esses atributos, tudo isso não lhe fará bem algum.

Assim, aqueles que criticam os sufis por serem fortemente afetados, até ao êxtase, por estes e semelhantes versos, são meramente superficiais e desprovidos de caridade. Até mesmo os camelos são às vezes tão fortemente afetados pelas canções árabes de seus condutores que correm rapidamente, carregando pesadas cargas, até caírem em estado de exaustão.

⁂

O ouvinte sufi, no entanto, corre o risco de blasfêmia se aplicar a Deus alguns dos versos que ouve. Por exemplo, se ouve um verso como «Mudaste de tua inclinação anterior», não deve aplicá-lo a Deus, que não pode mudar, mas a si mesmo e às suas próprias variações de humor. Deus é como o sol, que está sempre brilhando, mas às vezes para nós a Sua luz é eclipsada por algum objeto que se interpõe entre nós e Ele.

A respeito de alguns adeptos relata-se que atingem tal grau de êxtase que se perdem em Deus. Tal foi o caso do xeque Abu'l Hassan Nuri, que, ao ouvir um determinado verso, caiu em estado de êxtase e, entrando em um campo cheio de colmos de cana-de-açúcar recém-cortados, correu até que seus pés ficassem feridos e sangrando, e, não muito depois, faleceu.

Em tais casos, alguns supuseram que ocorre uma descida real da Divindade na humanidade, mas isso seria um erro tão grande quanto o daquele que, tendo visto pela primeira vez seu reflexo em um espelho, supusesse que, de alguma forma, tivesse se incorporado ao espelho, ou que as tonalidades vermelhas e brancas refletidas pelo espelho fossem qualidades inerentes a ele.

Os estados de êxtase em que os sufis caem variam segundo as emoções que neles predominam — amor, temor, desejo, arrependimento, etc. Esses estados, como mencionamos acima, são frequentemente o resultado não apenas de ouvir versos do Alcorão, mas poesia erótica.

Alguns se opuseram à recitação de poesia, bem como do Alcorão, nessas ocasiões; mas deve-se lembrar que nem todos os versos do Alcorão são adaptados para despertar as emoções — tais como, por exemplo, aquele que ordena que o homem deixe à sua mãe a sexta parte de sua propriedade e à sua irmã a metade, ou aquele que ordena que uma viúva deve esperar

quatro meses após a morte de seu marido antes de se casar com outro homem.

As naturezas que podem ser lançadas em êxtase religioso pela recitação de tais versos são peculiarmente sensíveis e muito raras.

Outra razão para o uso da poesia, bem como do Alcorão, nessas ocasiões é que as pessoas estão tão familiarizadas com o Alcorão, muitas até mesmo sabendo-o de cor, que seu efeito foi embotado pela repetição constante. Não se pode estar sempre citando novos versos do Alcorão como se pode fazer com a poesia.

Certa vez, quando alguns árabes do deserto estavam ouvindo o Alcorão pela primeira vez e foram fortemente comovidos por ele, Abu Bakr lhes disse: «Nós fomos uma vez como vós, mas nossos corações se endureceram», querendo dizer que o Alcorão perde parte de seu efeito sobre aqueles familiarizados com ele.

Pela mesma razão, o Califa Omar costumava ordenar aos peregrinos em Meca que a deixassem depressa, «Pois», disse ele, «temo que, se vos tornardes muito familiarizados com a Cidade Santa, o temor reverente por ela se afastará de vossos corações.»

Há, além disso, algo pertencente ao leve e frívolo, pelo menos aos olhos do povo comum, no uso do canto e de instrumentos musicais, como a flauta e o tambor, e não convém que a majestade do Alcorão seja, mesmo temporariamente, associada a essas coisas.

Relata-se do Profeta que uma vez, quando ele entrou na casa de Rabia, filha de Mauz, algumas garotas cantoras que lá estavam começaram a impro-

visar em sua homenagem. Ele abruptamente lhes ordenou que parassem, pois o louvor ao Profeta era um tema sagrado demais para ser tratado dessa maneira.

Há também algum perigo, se versos do Alcorão forem usados exclusivamente, de que os ouvintes lhes atribuam alguma interpretação privada própria, e isso é ilícito. Por outro lado, nenhum mal advém de interpretar versos de poesia de várias maneiras, pois não é necessário aplicar a um poema o mesmo significado que o autor pretendia.

Outras características dessas danças místicas são as contorções corporais e o rasgar de roupas com que às vezes são acompanhadas. Se estas forem o resultado de condições extáticas genuínas, nada há a dizer contra elas, mas se forem autoconscientes e deliberadas por parte daqueles que desejam parecer «adeptos», então são meros atos de hipocrisia.

Em todo caso, o adepto mais perfeito é aquele que se controla até ser absolutamente obrigado a dar vazão aos seus sentimentos. Relata-se de um certo jovem que era discípulo do xeque Junaid que, ao ouvir o canto começar em uma assembleia dos sufis, não se pôde conter e começou a gritar em êxtase. Junaid disse-lhe: «Se fizeres isso de novo, não permaneças em minha companhia.»

Depois disso, o jovem costumava conter-se em tais ocasiões, mas finalmente, um dia, suas emoções foram tão fortemente despertadas que, após longa e forçada repressão delas, deu um grito e morreu.

Para concluir: ao realizar essas assembleias, deve-se ter em conta o tempo e o lugar, e que nenhum espectador venha por motivos indignos. Aqueles

que delas participam devem sentar-se em silêncio, não olhando uns para os outros, mas mantendo a cabeça curvada, como na oração, e concentrando suas mentes em Deus.

Cada um deve vigiar o que quer que possa ser revelado ao seu próprio coração, e não fazer nenhum movimento por mero impulso autoconsciente. Mas se algum deles se levantar em estado de genuíno êxtase, todos os demais devem levantar-se com ele, e se o turbante de alguém cair, os outros devem também depositar seus turbantes no chão.

Embora essas matérias sejam novidades relativas no Islamismo e não tenham sido recebidas dos primeiros seguidores do Profeta, devemos lembrar que nem todas as novidades são proibidas, mas apenas aquelas que contravêm diretamente a Lei. Por exemplo, o «Tarawih», ou oração noturna, foi instituído pela primeira vez pelo Califa Omar.

O Profeta disse: «Vive com cada homem de acordo com seus hábitos e disposição», portanto é correto conformar-se aos usos que agradam às pessoas, quando a não conformidade as desgostaria.

É verdade que os Companheiros não tinham o costume de se levantar à entrada do Profeta, pois desgostavam dessa prática; mas onde ela se estabeleceu, e abster-se dela causaria aborrecimento, é melhor conformar-se a ela. Os árabes têm seus próprios costumes, e os persas têm os seus, e Deus sabe quem é o melhor.

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

SOBRE O AUTOEXAME E A LEMBRANÇA DE DEUS

✦

Sabe, ó irmão, que no Alcorão Deus disse: «Poremos uma balança justa no dia da ressurreição, e nenhuma alma será injustiçada em nada.» Quem quer que tenha praticado um grão de bem ou de mal, então o verá. No Alcorão também está escrito: «Veja cada alma o que envia adiante para o dia do acerto de contas.»

Era um dito do Califa Omar: «Pedi contas a vós mesmos antes que vos sejam pedidas contas»; e Deus diz: «Ó vós, crentes, sede pacientes e lutai contra vossos desejos naturais, e mantende a luta varonilmente.» Os santos sempre compreenderam que vieram a este mundo para realizar um comércio espiritual, cujo ganho ou perda resultante é o céu ou o inferno.

Eles, por conseguinte, sempre mantiveram um olho vigilante sobre a carne, a qual, como um sócio traidor nos negócios, pode causar-lhes grande perda. Ele, portanto, é um homem sábio que, após sua oração matinal, passa uma hora inteira fazendo um acerto de contas espiritual e diz à sua alma: «Ó minha alma, tu tens apenas uma vida; nenhum momento que passou pode ser recuperado, pois no conselho de Deus o número de sopros a ti concedidos está fixado e não pode ser aumentado.

Quando a vida acabar, nenhum outro comércio espiritual te será possível; portanto, o que fazes, faze agora; trata este dia como se tua vida já tivesse sido gasta, e este fosse um dia extra a ti concedido pelo favor especial do Todo-Poderoso. Que tolice maior pode haver do que perdê-lo?»

Na ressurreição, o homem encontrará todas as horas de sua vida dispostas como uma longa série de baús de tesouro. A porta de um será aberta, e ver-se-á que está cheio de luz: representa uma hora que ele passou fazendo o bem. Seu coração se encherá de tal alegria que até mesmo uma fração dela faria os habitantes do inferno esquecerem o fogo.

A porta de um segundo será aberta; está completamente escuro por dentro, e dela emana um odor tão mau que fará com que todos prendam a respiração: representa uma hora que ele passou fazendo o mal, e ele sofrerá tal terror que uma fração dele amarguraria o Paraíso para os abençoados.

A porta de um terceiro baú de tesouro será aberta; ver-se-á que está vazio e nem claro nem escuro por dentro: isso representa a hora em que ele não fez nem o bem nem o mal. Então ele sentirá remorso e confusão como os de um homem que foi possuidor de um grande tesouro e o desperdiçou ou deixou escapar de suas mãos.

Assim, toda a série das horas de sua vida será exibida, uma a uma, ao seu olhar. Portanto, o homem deve dizer à sua alma todas as manhãs: «Deus te deu vinte e quatro tesouros; toma cuidado para não perderes nenhum deles, pois não serás capaz de suportar o arrependimento que se seguirá a tal perda.»

Os santos disseram: «Mesmo supondo que Deus te perdoe, após uma vida desperdiçada, tu não atingirás os graus dos justos e deves lamentar tua perda; portanto, guarda estrita vigilância sobre tua língua, teu olho e cada um de teus sete membros, pois cada um destes é, por assim dizer, um portão possível para o inferno. Dize à tua carne: 'Se fores rebelde, em verdade

te punirei'; pois, embora a carne seja obstinada, é capaz de receber instrução e pode ser domada pela austeridade.»

Tal é, pois, o objetivo do autoexame, e o Profeta disse: «Bem-aventurado é aquele que faz agora aquilo que o beneficiará após a morte.»

Chegamos agora à lembrança de Deus. Esta consiste em o homem lembrar que Deus observa todos os seus atos e pensamentos. As pessoas veem apenas o exterior, enquanto Deus vê tanto o homem exterior quanto o interior. Aquele que realmente crê nisso terá tanto o seu ser exterior quanto o interior bem disciplinados.

Se ele desacredita disso, é um infiel, e se, enquanto crê nisso, age contrariamente a essa crença, é culpado da mais grave presunção. Um dia, um negro veio ao Profeta e disse: «Ó Profeta de Deus! Cometi muitos pecados. Meu arrependimento será aceito ou não?» O Profeta disse: «Sim.»

Então o negro disse: «Ó Profeta de Deus, durante todo o tempo em que eu estava cometendo pecado, Deus realmente o contemplava?» «Sim», foi a resposta. O negro deu um grito e caiu sem vida. Até que o homem esteja completamente convencido do fato de que está sempre sob a observação de Deus, é impossível para ele agir retamente.

Certo xeque teve uma vez um discípulo a quem favorecia mais do que aos seus outros discípulos, despertando assim a inveja destes. Um dia o xeque deu a cada um deles uma ave e disse a cada um que fosse e a matasse em um lugar onde ninguém pudesse vê-lo.

Consequentemente, cada um matou sua ave em algum lugar retirado e a trouxe de volta, com exceção do discípulo favorito do xeque, que trouxe a

sua de volta viva, dizendo: «Não encontrei tal lugar, pois Deus vê em toda parte.» O xeque disse aos outros: «Vedes agora a real posição deste jovem; ele atingiu a constante lembrança de Deus.»

Quando Zuleica tentou José, ela lançou um pano sobre o rosto do ídolo que costumava adorar. José disse-lhe: «Ó Zuleica, tu te envergonhas diante de um bloco de pedra, e não deveria eu ter vergonha diante Daquele que criou os sete céus e a terra?» Um homem veio certa vez ao santo Junaid e disse: «Não consigo guardar meus olhos de lançar olhares lascivos. Como devo fazer?»

«Lembrando», respondeu Junaid, «que Deus te vê muito mais claramente do que tu ves qualquer outra pessoa.» Nas tradições está escrito que Deus disse: «O Paraíso é para aqueles que pretendem cometer algum pecado e então se lembram de que Meu olho está sobre eles e se abstêm.»

Abdullah Ibn Dinar relata: «Certa vez eu estava caminhando com o Califa Omar perto de Meca quando encontramos um menino escravo pastor conduzindo seu rebanho. Omar disse-lhe: 'Vende-me uma ovelha.' O menino respondeu: 'Elas não são minhas, mas de meu senhor.' Então, para testá-lo, Omar disse: 'Bem, tu podes dizer-lhe que um lobo levou uma, e ele não saberá de nada.' 'Não, ele não saberá', disse o menino, 'mas Deus saberá.' Omar então chorou e, mandando chamar o senhor do menino, comprou-o e libertou-o, exclamando: 'Por este dito és livre neste mundo e serás livre no próximo.'»

⁂

Há dois graus desta lembrança de Deus. O primeiro grau é o daqueles santos cujos pensamentos estão completamente absorvidos na contemplação da majestade de Deus, e não têm lugar em seus corações para absolutamente mais nada.

Este é o grau inferior de lembrança, pois quando o coração do homem está fixo, e seus membros são de tal modo controlados por seu coração que se abstêm até de ações lícitas, ele não precisa de nenhum recurso ou salvaguarda contra os pecados.

Foi a este tipo de lembrança que o Profeta se referiu quando disse: «Aquele que se levanta pela manhã tendo apenas Deus em sua mente, Deus cuidará dele, tanto neste mundo quanto no próximo.»

Alguns destes praticantes da lembrança de Deus estão tão absorvidos no pensamento dEle que, se as pessoas lhes falam, não ouvem, ou se caminham à sua frente, não veem, mas tropeçam como se colidissem com uma parede. Um certo santo relata o seguinte: «Um dia passei por um lugar onde arqueiros estavam fazendo uma competição de tiro. A alguma distância, um homem estava sentado sozinho.

Aproximei-me dele e tentei engajá-lo em conversa, mas ele respondeu: 'A lembrança de Deus é melhor do que a conversa.' Eu disse: 'Não estás sozinho?' 'Não', respondeu ele, 'Deus e dois anjos estão comigo.' Apontando para os arqueiros, perguntei: 'Qual destes levou o prêmio?' 'Aquele', foi a sua resposta, 'a quem Deus o concedeu.' Então perguntei: 'De onde vem este caminho?' Ao que, levantando os olhos ao céu, ele se levantou e partiu, dizendo: 'Ó Senhor! Muitos de Teus seres criados afastam a pessoa da lembrança de Ti!'»

O santo Shibli foi um dia ver o sufi Thaury; encontrou-o sentado tão quieto em contemplação que nem um fio de cabelo de seu corpo se movia. Ele lhe perguntou: «Com quem aprendeste a praticar tal fixidez de contemplação?» Thaury respondeu: «Com um gato que vi esperando junto a uma toca de rato em uma atitude de fixidez ainda maior do que esta.»

Ibn Hanif relata: «Fui informado de que na cidade de Sur um xeque e seu discípulo estavam sempre sentados perdidos na lembrança de Deus. Fui lá e encontrei a ambos sentados com os rostos voltados na direção de Meca. Saudei-os três vezes, mas não me deram resposta. Disse: 'Rogo-vos, por Deus, que retorneis minha saudação.' O jovem ergueu a cabeça e respondeu: 'Ó Ibn Hanif! O mundo dura apenas um pouco de tempo, e deste pouco tempo apenas um pouco resta. Tu nos atrapalhas ao exigir que retornemos tua saudação.' Ele então curvou a cabeça novamente e ficou em silêncio.

Eu estava com fome e sede na ocasião, mas a visão daqueles dois tirou-me inteiramente de mim. Permaneci de pé e orei com eles a oração da tarde e da noite. Pedi-lhes então algum conselho espiritual. O mais jovem respondeu: 'Ó Ibn Hanif, estamos aflitos; não possuímos a língua que dá conselhos.' Permaneci ali de pé por três dias e três noites; nenhuma palavra passou entre nós e nenhum de nós dormiu.

Então disse de mim para comigo: 'Rolar-lhes-ei por Deus que me deem algum conselho.' O mais jovem, adivinhando meus pensamentos, ergueu novamente a cabeça: 'Vai e busca tal homem, cuja visita trará Deus à tua lembrança e infundirá Seu temor em teu coração, e ele te dará aquele conselho que é transmitido pelo silêncio e não pela fala.'»

Tal é a «lembrança» dos santos, que consiste em estar inteiramente absorvido na contemplação de Deus. O segundo grau da lembrança de Deus é o dos «companheiros da mão direita».

Estes estão cientes de que Deus sabe tudo a seu respeito e sentem-se envergonhados em Sua presença, contudo não são arrebatados para fora de si pelo pensamento de Sua majestade, mas permanecem claramente conscientes de si mesmos e do mundo.

Sua condição é como a de um homem que fosse subitamente surpreendido em estado de nudez e cobrisse a si mesmo apressadamente, enquanto a outra classe se assemelha àquele que de repente se encontra na presença do Rei e fica confuso e amedrontado.

Os primeiros submetem cada projeto que entra em suas mentes a um escrutínio minucioso, pois no Último Dia três perguntas serão feitas a respeito de cada ação: a primeira, «Por que fizeste isto?»; a segunda, «De que maneira fizeste isto?»; a terceira, «Com que propósito fizeste isto?».

A primeira será feita porque o homem deve agir por impulso divino e não meramente satânico ou carnal. Se esta pergunta for respondida satisfatoriamente, a segunda testará de que maneira a ação foi feita, se sabiamente ou com descuido e negligência, e a terceira, se foi feita simplesmente para agradar a Deus ou para obter a aprovação dos homens.

Se o homem compreende o significado dessas perguntas, estará muito vigilante sobre o estado de seu coração e sobre como acolhe pensamentos que provavelmente terminarão em ação. Discriminar retamente entre tais pensamentos é uma matéria muito difícil e delicada, e aquele que não é capaz

disso deve apegar-se a algum diretor espiritual, cujo convívio possa iluminar seu coração.

Ele deve evitar com o máximo cuidado o homem instruído meramente mundano, que é um agente de Satanás. Deus disse a Davi: «Ó Davi! Não faças perguntas ao homem instruído que está embriagado com o amor do mundo, pois ele te roubará o Meu amor», e o Profeta disse: «Deus ama aquele homem que é perspicaz em discernir nas coisas duvidosas, e que não permite que sua razão seja dominada pelos ataques da paixão.»

Razão e discernimento estão intimamente conectados, e aquele em quem a razão não governa a paixão não será perspicaz para discernir.

⁂

Além de tal discriminação cautelosa antes de agir, o homem deve pedir contas estritamente a si mesmo por suas ações passadas. Todas as noites ele deve examinar seu coração quanto ao que fez, para ver se ganhou ou perdeu em seu capital espiritual. Isto é tanto mais necessário quanto o coração é como um sócio comercial traidor, sempre pronto a lisonjear e enganar; às vezes ele apresenta seu próprio egoísmo sob o disfarce de obediência a Deus, de modo que o homem supõe ter ganhado, quando na verdade perdeu.

Um certo santo chamado Amiya, de sessenta anos de idade, contou os dias de sua vida. Ele descobriu que somavam vinte e um mil e seiscentos dias. Disse de si para si: «Ai de mim! Se cometi um pecado a cada dia, como posso escapar da carga de vinte e um mil e seiscentos pecados?» Ele deu um grito e caiu no chão; quando vieram erguê-lo, encontraram-no morto.

Mas a maioria das pessoas é incauta e nunca pensa em pedir contas a si mesma. Se para cada pecado que um homem cometeu ele colocasse uma pedra em uma casa vazia, logo encontraria essa casa cheia de pedras; se seus anjos registradores lhe exigissem salário por anotarem seus pecados, todo o seu dinheiro logo teria acabado.

As pessoas contam em seus rosários com autossatisfação o número de vezes que recitaram o nome de Deus, mas não mantêm rosário algum para calcular as inumeráveis palavras vãs que proferem. Por conseguinte, o Califa Omar disse: «Pesai bem vossas palavras e atos antes que sejam pesados no Julgamento.»

Ele próprio antes de se recolher para a noite, costumava golpear seus pés com um chicote e exclamar: «Que fizeste hoje?» Abu Talha estava certa vez orando em um palmeiral, quando a visão de um belo pássaro que dele voou fez com que cometesse um erro na contagem do número de prostrações que havia feito. Para punir a si mesmo por sua inatenção, ele deu embora o palmeiral.

Tais santos sabiam que sua natureza sensual era propensa a se desviar, portanto mantinham estrita vigilância sobre ela, e a puniam por cada transgressão.

Se um homem se encontra indolente e avesso à austeridade e à autodisciplina, deve associar-se a alguém que seja proficiente em tais práticas, de modo a pegar o contágio de seu entusiasmo. Um santo costumava dizer: «Quando me torno tíbio na autodisciplina, olho para Muhammad Ibn Wasi, e a visão dele reacende meu fervor por pelo menos uma semana.»

Se alguém não consegue encontrar tal modelo de austeridade ao seu alcance, então é uma boa coisa estudar as vidas dos santos; ele deve também exortar sua alma de modo semelhante ao seguinte: «Ó minha alma! Tu te julgas inteligente e ficas irada por seres chamada de tola, e contudo o que mais és tu, afinal? Tu preparas roupas para te proteger do frio do inverno, mas não fazes preparação alguma para a vida futura.

Teu estado é como o de um homem que no meio do inverno dissesse: 'Não usarei roupas quentes, mas confiarei na misericórdia de Deus para me proteger do frio.' Ele se esquece de que Deus, ao mesmo tempo em que criou o frio, mostrou ao homem o caminho para fazer roupas para se proteger dele, e proveu o material para essas roupas.

Lembra-te disto também, ó alma, que tua punição no porvir não será porque Deus está irado com tua desobediência; e não digas: 'Como pode meu pecado prejudicar a Deus?' São tuas próprias concupiscências que terão acendido as chamas de um inferno dentro de ti; assim como, por comer alimento não saudável, a doença é causada no corpo do homem, e não porque seu médico está aborrecido com ele por desobedecer às suas ordens.

«Vergonha de ti, ó alma, por teu excessivo amor ao mundo! Se não crês no céu ou no inferno, ao menos crês na morte, que te arrebatará todos os deleites mundanos e te fará sentir as dores da separação deles, as quais serão mais intensas exatamente na proporção em que te apegaste a eles. Por que estás louca pelo mundo? Se a totalidade dele, do Oriente ao Ocidente, fosse tua e te adorasse, ainda assim tudo se transformaria, em um breve espaço de tempo, em poeira junto contigo mesma, e o esquecimento apagaria teu nome, como os dos antigos reis antes de ti.

Mas agora, visto que tens apenas um fragmento muito pequeno do mundo, e esse contaminado, serás tão louca a ponto de permutar a alegria eterna por ele, uma joia preciosa por um copo quebrado de louça, e fazer de ti mesma o motivo de riso de todos ao teu redor?»

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

O CASAMENTO COMO AJUDA OU OBSTÁCULO À VIDA RELIGIOSA

✦

O casamento desempenha um papel tão grande nos assuntos humanos que deve necessariamente ser levado em conta ao tratar da vida religiosa e ser considerado em ambos os seus aspectos de vantagem e desvantagem.

Uma vez que Deus, como diz o Alcorão, "só criou os homens e os gênios com o propósito de adorar", a primeira e óbvia vantagem do casamento é que os adoradores de Deus possam aumentar em número. Os teólogos, portanto, estabeleceram como máxima que é melhor dedicar-se aos deveres matrimoniais do que a devoções supererogatórias.

Outra vantagem do casamento é que, como disse o Profeta, as orações dos filhos aproveitam aos pais quando estes já faleceram, e os filhos que morrem antes de seus pais intercedem por eles no Dia do Juízo.

"Quando a uma criança", disse o Profeta, "é dito para entrar no céu, ela chora e diz: 'Não entrarei sem meu pai e minha mãe.'" Da mesma forma, certo dia o Profeta segurou as mangas de um homem e o puxou violentamente para si, dizendo: "Assim também os filhos arrastarão seus pais para o céu."

Ele acrescentou: "As crianças se aglomeram aos portões do céu e clamam por seus pais e mães, até que aqueles que estão do lado de fora recebam a ordem de entrar e juntar-se a seus filhos."

Conta-se de certo santo celibatário que ele uma vez sonhou que o Dia do Juízo havia chegado. O sol se aproximara da terra e as pessoas estavam perecendo de sede; uma multidão de meninos andava de um lado para o outro dando-lhes água em vasilhames de ouro e prata. Mas quando o santo pediu água, foi recusado, e um dos meninos lhe disse: "Nenhum de nós aqui é seu filho." Assim que o santo acordou, fez preparativos para se casar.

Outra vantagem do casamento é que sentar-se com a esposa e ser amigável com ela é um relaxamento para a mente após estar ocupada com os deveres religiosos, e após tal relaxamento pode-se retornar às devoções com vigor renovado.

Assim, o próprio Profeta, quando sentia o peso de suas revelações pesar muito sobre si, tocava sua esposa Aisha e dizia: "Fale comigo, ó Aisha, fale comigo!" Ele fazia isso para que, a partir daquele toque humano familiar, pudesse receber forças para suportar novas revelações.

Por razão semelhante, ele costumava pedir ao muezim Bilal que fizesse o chamado para a oração, e às vezes costumava cheirar perfumes suaves. É um ditado bem conhecido dele: "Amei três coisas no mundo: os perfumes, as mulheres e o alívio na oração." Em certa ocasião, Omar perguntou ao Profeta quais eram as coisas a serem especialmente buscadas no mundo. Ele respondeu: "Uma língua ocupada na lembrança de Deus, um coração grato e uma esposa crente."

Uma vantagem adicional do casamento é que deve haver alguém para cuidar da casa, cozinhar a comida, lavar a louça, varrer o chão, etc. Se um homem está ocupado com esse trabalho, ele não pode adquirir conhecimento, nem tocar seus negócios, nem engajar-se em suas devoções adequadamente.

Por essa razão, Abu Suleiman disse: "Uma boa esposa não é uma bênção apenas deste mundo, mas do próximo, porque ela proporciona ao homem o tempo livre para pensar no outro mundo"; e um dos ditados do Califa Omar é: "Depois da fé, nenhuma bênção se iguala a uma boa esposa."

O casamento tem, ademais, este bem em si: ser paciente com as peculiaridades femininas, prover o necessário que as esposas exigem e mantê-las no caminho da lei é uma parte muito importante da religião. O Profeta disse: "Dar à esposa o dinheiro de que ela necessita é mais importante do que dar esmolas."

Certa vez, quando Ibn Mubarak estava engajado em uma campanha contra os infiéis, um de seus companheiros lhe perguntou: "Existe alguma obra mais meritória do que a guerra religiosa?"

"Sim", respondeu ele: "alimentar e vestir adequadamente a esposa e os filhos." O célebre santo Bishr Hafi disse: "É melhor que um homem trabalhe pela esposa e pelos filhos do que apenas por si mesmo." Nas Tradições, foi registrado que alguns pecados só podem ser expiados suportando problemas pelo bem da própria família.

A respeito de certo santo, conta-se que sua esposa morreu e ele não quis se casar novamente, embora as pessoas o exortassem, dizendo que era mais fácil concentrar seus pensamentos na solidão. Uma noite ele viu em um sonho a porta do céu aberta e multidões de anjos descendo.

Eles se aproximaram e olharam para ele, e um disse: "É este aquele miserável egoísta?" e seu companheiro respondeu: "Sim, é ele." O santo ficou alar-

mado demais para perguntar a quem se referiam, mas em seguida um menino passou e ele lhe perguntou.

"É de você que estão falando", respondeu o menino; "até uma semana atrás suas boas obras estavam sendo registradas no céu junto com as de outros santos, mas agora apagaram o seu nome do livro." Muito perturbado assim que acordou, ele se apressou em se casar. Por todas as considerações acima, ver-se-á que o casamento é desejável.

Passamos agora a tratar das desvantagens do casamento. Uma delas é que existe o perigo, especialmente no tempo presente, de um homem ganhar o sustento por meios ilícitos para sustentar sua família, e nenhuma quantidade de boas obras pode compensar isso.

O Profeta disse que na ressurreição certo homem com uma carga equivalente a uma montanha inteira de boas obras será trazido à frente e colocado perto da Balança.

Ser-lhe-á então perguntado: "'Por que meios você sustentou sua família?' Ele não será capaz de dar uma resposta satisfatória, e todas as suas boas obras serão canceladas, e uma proclamação será feita a seu respeito: 'Este é o homem cuja família devorou todas as suas boas ações!'"

⁂

Outra desvantagem do casamento é esta: tratar a própria família com bondade e paciência e conduzir seus assuntos a um desfecho satisfatório só pode ser feito por aqueles que possuem um bom temperamento. Há um grande perigo de um homem tratar sua família com dureza, ou negligenciá-la, e assim trazer pecado sobre si mesmo.

O Profeta disse: "Aquele que abandona sua esposa e filhos é como um escravo fugitivo; até que retorne a eles, nenhum de seus jejuns ou orações será aceito por Deus." Em suma, o homem tem uma natureza inferior e, até que possa controlar sua própria natureza inferior, é melhor não assumir a responsabilidade de controlar a de outro.

Alguém perguntou ao santo Bishr Hafi por que ele não se casava. "Tenho medo", respondeu ele, "daquele versículo do Alcorão: 'Os direitos das mulheres sobre os homens são precisamente os mesmos que os direitos dos homens sobre as mulheres.'"

Uma terceira desvantagem do casamento é que as preocupações com a família muitas vezes impedem o homem de concentrar seus pensamentos em Deus e na vida futura, e podem, a menos que ele seja cuidadoso, levá-lo à destruição, pois Deus disse: "Não deixeis que vossas esposas e filhos vos afastem da lembrança de Deus." Aquele que pensa que pode se concentrar melhor em seus deveres religiosos não se casando, é melhor permanecer solteiro, e aquele que teme cair em pecado se não se casar, é melhor que o faça.

Chegamos agora às qualidades que devem ser buscadas em uma esposa. A mais importante de todas é a castidade. Se uma esposa for impura, e seu marido se calar, ele ganha uma má reputação e é prejudicado em sua vida religiosa; se ele falar, sua vida se torna amargurada; e se ele se divorciar dela, poderá sentir a dor da separação. Uma esposa bonita, mas de mau caráter, é uma grande calamidade; é melhor divorciar-se de uma pessoa assim.

O Profeta disse: "Aquele que busca uma esposa por causa de sua beleza ou riqueza perderá ambas."

A segunda qualidade desejável em uma esposa é um bom temperamento. Uma esposa mal-humorada, ingrata, tagarela ou imperiosa torna a existência insuportável e é um grande obstáculo para se levar uma vida devota.

A terceira qualidade a ser buscada é a beleza, pois esta desperta o amor e o afeto. Por conseguinte, deve-se ver a mulher antes de casar com ela. O Profeta disse: "As mulheres de tal tribo têm todas um defeito nos olhos; aquele que deseja casar-se com uma deve vê-la primeiro." Os sábios disseram que aquele que se casa com uma esposa sem vê-la certamente se arrependerá depois. É verdade que não se deve casar apenas por causa da beleza, mas isso não significa que a beleza deva ser considerada insignificante.

O quarto ponto desejável é que a quantia paga pelo marido como dote matrimonial da esposa seja moderada. O Profeta disse: "Ela é a melhor esposa cujo dote matrimonial é pequeno e cuja beleza é grande."

Ele próprio fixou o dote matrimonial de algumas mulheres em dez dirhames, e os dotes matrimoniais de suas próprias filhas não foram superiores a quatrocentos dirhames.

Em quinto lugar, ela não deve ser estéril. "Um pedaço de esteira velha caído no canto da casa é melhor do que uma esposa estéril."

Outras qualidades em uma esposa desejável são estas: ela deve ser de boa linhagem, não ter sido casada anteriormente e não ser muito aparentada de seu marido.

Sobre as Observâncias do Casamento

O casamento é uma instituição religiosa e deve ser tratado de maneira religiosa; caso contrário, o acasalamento de homens e mulheres não é melhor

do que o acasalamento de animais. A Lei estabelece que deve haver uma festa por ocasião de cada casamento.

Quando Abdurrahman Ibn Auf se casou, o Profeta lhe disse: "Faça uma festa de casamento, mesmo que você tenha apenas uma cabra para fazê-la." Quando o próprio Profeta celebrou seu casamento com Safia, fez uma festa de casamento de tâmara e cevada. Também é correto que o casamento seja acompanhado por batidas de tambores e música, pois o homem é a coroa da criação.

Em segundo lugar, o homem deve manter-se em bons termos com sua esposa. Isso não significa que ele nunca deva causar-lhe dor, mas que deve suportar com paciência qualquer dissabor que ela lhe cause, seja por irracionalidade ou ingratidão. A mulher foi criada fraca e necessitando de recato; portanto, deve ser suportada com paciência e mantida reclusa.

O Profeta disse: "Aquele que suporta com paciência o mau humor de sua esposa ganhará tanto mérito quanto Jó ganhou pela paciente perseverança em suas provações." Em seu leito de morte, ele também foi ouvido dizendo: "Continuai em oração e tratai bem vossas esposas, pois elas são vossas prisioneiras." Ele próprio costumava suportar com paciência o temperamento das suas esposas.

Um dia a esposa de Omar ficou irada e o repreendeu. Ele disse a ela: "Tua língua maligna, tu me respondes de volta?" Ela respondeu: "Sim! O Senhor dos profetas é melhor do que tu, e suas esposas o respondem." Ele respondeu: "Ai de Hafsa [filha de Omar e esposa de Maomé] se ela não se humilhar"; e quando a encontrou, disse: "Cuidado para não responder ao Profeta."

O Profeta também disse: "O melhor de vós é aquele que é melhor para sua própria família, assim como eu sou o melhor para a minha."

Em terceiro lugar, o homem deve condescender com as recreações e divertimentos de sua esposa, e não tentar impedi-los. O próprio Profeta, em certa ocasião, disputou corridas com sua jovem esposa Aisha. Na primeira vez ele a venceu, e na segunda vez ela o venceu. Em outra ocasião ele a segurou em seus braços para que ela pudesse olhar alguns negros se apresentando.

De fato, seria difícil encontrar alguém que fosse tão bondoso com suas esposas como o Profeta era com as dele. Homens sábios disseram: "Um homem deve chegar a casa sorrindo e comer o que encontrar e não pedir nada que não encontrar." No entanto, ele não deve ser indulgente demais, para que sua esposa não perca o respeito por ele.

Se ele vir algo claramente errado da parte dela, não deve ignorar, mas repreender, caso contrário se tornará motivo de piada. No Alcorão está escrito: "Os homens devem ter a liderança sobre as mulheres", e o Profeta disse: "Ai do homem que é servo de sua esposa", pois ela deve ser sua serva.

Homens sábios disseram: "Consulte as mulheres e faça o contrário do que elas aconselham." Na verdade, há algo perverso nas mulheres, e se lhes for concedida mesmo uma pequena licença, elas saem completamente do controle e é difícil reduzi-las à ordem novamente. Ao lidar com elas, deve-se procurar usar uma mistura de severidade e ternura, com uma proporção maior desta última.

O Profeta disse: "A mulher foi formada de uma costela torta; se você tentar dobrá-la, irá quebrá-la; se a deixar em paz, ela ficará cada vez mais torta;

portanto, trate-a com ternura."

⁂

Quanto ao decoro, todo cuidado é pouco para não deixar a esposa olhar ou ser olhada por um estranho, pois o início de todo mal está nos olhos. Na medida do possível, ela não deve ter permissão para sair de casa, nem para ir ao teto, nem para ficar à porta. Deve-se tomar cuidado, no entanto, para não ser irracionalmente ciumento e rígido.

O Profeta certo dia perguntou à sua filha Fátima: "Qual é a melhor coisa para as mulheres?" Ela respondeu: "Elas não deveriam olhar para estranhos, nem os estranhos para elas." O Profeta ficou satisfeito com essa observação e a abraçou, dizendo: "Em verdade, tu és um pedaço do meu fígado!"

O Comandante dos Fiéis, Omar, disse: "Não deis roupas finas às mulheres, pois assim que as tiverem, quererão sair de casa." No tempo do Profeta as mulheres tinham permissão para ir às mesquitas e ficar na última fileira dos adoradores; mas isso foi posteriormente proibido.

O homem deve manter sua esposa devidamente suprida de dinheiro e não ser mesquinho com ela. Dar à esposa o devido sustento é mais meritório do que dar esmolas. O Profeta disse: "Suponha que um homem gaste um dinar na guerra religiosa, outro no resgate de um escravo, um terceiro em caridade e dê o quarto à sua esposa; a doação deste último supera em mérito todas as outras juntas."

O homem não deve comer nada especialmente bom sozinho ou, se o tiver comido, deve guardar segredo sobre isso e não elogiar a comida diante de sua esposa. É melhor que marido e esposa comam juntos, se não houver um

convidado presente, pois o Profeta disse: "Quando eles fazem isso, Deus envia Sua bênção sobre eles e os anjos oram por eles." O ponto mais importante a se observar é que os mantimentos dados à esposa sejam adquiridos por meios lícitos.

Se a esposa de um homem for rebelde e desobediente, ele deve a princípio admoestá-la com brandura; se isso não for suficiente, ele deve dormir em um quarto separado por três noites. Se isso também falhar, ele poderá batê-la, mas não na boca, nem com tanta força a ponto de feri-la. Se ela for negligente em seus deveres religiosos, ele deve manifestar seu descontentamento a ela por um mês inteiro, como o Profeta fez em uma ocasião com todas as suas esposas.

O maior cuidado deve ser tomado para evitar o divórcio, pois, embora o divórcio seja permitido, Deus o desaprova, porque a própria pronúncia da palavra "divórcio" causa dor à mulher, e como pode ser correto causar dor a alguém? Quando o divórcio for absolutamente necessário, a fórmula para ele não deve ser repetida três vezes de uma só vez, mas em três ocasiões diferentes.

A mulher deve ser divorciada com bondade, não por ira e desprezo, e não sem uma razão. Após o divórcio, o homem deve dar um presente à sua ex-esposa e não dizer a outros que ela foi divorciada por tal e tal falta. De certo homem que estava instaurando o processo de divórcio contra sua esposa, relata-se que as pessoas lhe perguntaram: "Por que você está se divorciando dela?"

Ele respondeu: "Não revelo os segredos de minha esposa." Quando ele de fato se divorciou dela, perguntaram-lhe de novo, e ele disse: "Ela é uma es-

tranha para mim agora; não tenho nada a ver com seus assuntos privados."

Até aqui tratamos dos direitos da esposa sobre o marido, mas os direitos do marido sobre a esposa são ainda mais vinculativos. O Profeta disse: "Se fosse correto adorar qualquer pessoa além de Deus, seria correto que as esposas adorassem seus maridos."

A esposa não deve se gabar de sua beleza diante do marido, não deve retribuir a bondade dele com ingratidão, não deve dizer a ele: "Por que você me tratou assim e assado?" O Profeta disse: "Olhei para o inferno e vi muitas mulheres lá; perguntei a razão e recebi esta resposta: 'Porque elas ofendiam seus maridos e eram ingratas com eles.'"

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

O AMOR DE DEUS

✦

O amor de Deus é o mais elevado de todos os tópicos e é o objetivo final ao qual temos tendido até agora. Falamos dos perigos espirituais na medida em que impedem o amor de Deus no coração do homem, e falamos de várias boas qualidades como sendo os preliminares necessários a ele.

A perfeição humana reside nisso: que o amor de Deus conquiste o coração do homem e o possua inteiramente, e mesmo que não o possua completamente, deve predominar no coração sobre o amor de todas as outras coisas.

No entanto, compreender corretamente o amor de Deus é uma matéria tão difícil que uma seita de teólogos negou totalmente que o homem possa amar um Ser que não seja de sua própria espécie, e definiram o amor de Deus como consistindo meramente em obediência. Aqueles que mantêm tais opiniões não sabem o que é a verdadeira religião.

Todos os muçulmanos concordam que o amor de Deus é um dever. Deus diz a respeito dos crentes: "Ele os ama e eles O amam", e o Profeta disse: "Até que um homem ame a Deus e ao Seu Profeta mais do que a qualquer outra coisa, ele não tem a fé correta." Quando o anjo da morte veio tomar a alma de Abraão, este disse: "Você já viu um amigo tirar a vida de seu amigo?"

Deus lhe respondeu: "Você já viu um amigo relutante em ver seu amigo?" Então Abraão disse: "Ó Azrael! tome a minha alma!" A seguinte oração foi ensinada pelo Profeta a seus companheiros: "Ó Deus, concede-me amar-Te

e amar aqueles que Te amam, e tudo o que me aproxime do Teu amor, e torna o Teu amor mais precioso para mim do que água fria para o sedento."

Hassan Basri costumava dizer: "Aquele que conhece a Deus O ama, e aquele que conhece o mundo o odeia."

Passamos agora a tratar do amor em sua natureza essencial. O amor pode ser definido como uma inclinação para aquilo que é agradável. Isso é aparente no caso dos cinco sentidos, cada um dos quais pode ser dito amar aquilo que lhe dá deleite; assim, o olho ama formas belas, o ouvido ama a música, etc. Este é um tipo de amor que compartilhamos com os animais.

Mas há um sexto sentido, ou faculdade de percepção, implantado no coração, que os animais não possuem, através do qual nos tornamos conscientes da beleza e excelência espirituais.

Assim, um homem que só conhece os deleites sensoriais não pode entender o que o Profeta quis dizer quando disse que amava a oração mais do que os perfumes ou as mulheres, embora estes dois últimos também lhe fossem agradáveis.

Mas aquele cujo olho interior está aberto para contemplar a beleza e a perfeição de Deus desprezará todas as visões exteriores em comparação, por mais belas que sejam.

O primeiro tipo de homem dirá que a beleza reside na tez rosada e alva, em membros bem proporcionados e assim por diante, mas ele será cego para a beleza moral, como aquela a que os homens se referem quando falam de tal homem como possuidor de um caráter "belo".

Mas aqueles dotados de percepção interior acham perfeitamente possível amar os grandes do passado, como os Califas Omar e Abu Bakr, por conta de suas nobres qualidades, embora seus corpos há muito tenham se misturado ao pó. Tal amor não se dirige a nenhuma forma exterior, mas ao caráter interior.

Mesmo quando desejamos despertar o amor em uma criança por alguém, não descrevemos a beleza exterior de sua forma, etc., mas suas excelências interiores.

Quando aplicamos este princípio ao amor de Deus, descobriremos que somente Ele é digno do nosso amor e que, se alguém não O ama, é porque não O conhece. Tudo o que amamos em qualquer pessoa, amamos porque é um reflexo Dele. É por essa razão que amamos Maomé, porque ele é o Profeta e o Amado de Deus, e o amor aos homens sábios e piedosos é realmente o amor de Deus. Veremos isso mais claramente se considerarmos quais são as causas que despertam o amor.

A primeira causa é esta: o homem ama a si mesmo e a perfeição de sua própria natureza. Isso o leva diretamente ao amor de Deus, pois a própria existência do homem e os seus atributos não são nada mais do que o dom de Deus, sem cuja graça e bondade o homem jamais teria saído de trás da cortina da não existência para o mundo visível.

A preservação do homem e sua eventual conquista da perfeição também dependem completamente da graça de Deus. Seria de fato uma maravilha se alguém se refugiasse do calor do sol sob a sombra de uma árvore e não fosse grato à árvore, sem a qual não haveria sombra alguma.

Precisamente da mesma forma, não fosse por Deus, o homem não teria existência nem atributos de forma alguma; por que, então, não deveria ele amar a Deus, a menos que seja ignorante a respeito Dele? Sem dúvida os tolos não podem amá-Lo, pois o amor por Ele surge diretamente do conhecimento Dele, e de onde um tolo teria conhecimento?

A segunda causa deste amor é que o homem ama o seu benfeitor, e em verdade o seu único Benfeitor é Deus, pois qualquer bondade que ele receba de um ser humano semelhante é devida à instigação imediata de Deus. Seja qual for o motivo que tenha impulsionado a bondade que ele recebe de outro, seja o desejo de obter mérito religioso ou um bom nome, Deus é o Agente que colocou esse motivo em ação.

A terceira causa é o amor que é despertado pela contemplação dos atributos de Deus, de Seu poder e sabedoria, dos quais o poder e a sabedoria humanos são apenas os reflexos mais fracos.

Este amor é semelhante àquele que sentimos pelos grandes e bons homens do passado, como o Imam Malik e o Imam Shafi, embora nunca esperemos receber quaisquer benefícios pessoais deles, e é, portanto, um tipo de amor mais desinteressado.

Deus disse ao Profeta Davi: "Aquele servo É-Me mais caro que não Me busca por medo do castigo ou esperança de recompensa, mas para pagar a dívida devida à Minha Divindade." E nos Salmos está escrito: "Quem é maior transgressor do que aquele que Me adora por medo do inferno ou esperança no céu? Se Eu não tivesse criado nenhum dos dois, não teria Eu então merecido ser adorado?"

A quarta causa deste amor é a afinidade entre o homem e Deus, a qual é referida no ditado do Profeta: "Em verdade, Deus criou o homem à Sua própria imagem." Além disso, Deus disse: "Meu servo busca proximidade de Mim, para que Eu o faça Meu amigo, e quando Eu o tiver feito Meu amigo, torno-me seu ouvido, seu olho, sua língua." De novo, Deus disse a Moisés: "Eu estava doente e tu não Me visitaste?" Moisés respondeu: "Ó Deus! Tu és o Senhor dos céus e da terra: como poderias estar doente?"

Deus disse: "Certo servo Meu estava doente; se o tivesses visitado, ter-Me-ias visitado."

Este é um tópico um tanto perigoso sobre o qual se deter, pois está além da compreensão das pessoas comuns, e até homens inteligentes tropeçaram ao tratar dele e passaram a crer na encarnação e na união com Deus.

Ainda assim, a afinidade que realmente existe entre o homem e Deus afasta a objeção daqueles teólogos mencionados acima, que sustentam que o homem não pode amar um Ser que não seja de sua própria espécie. Por maior que seja a distância entre eles, o homem pode amar a Deus por causa da afinidade indicada no ditado: "Deus criou o homem à Sua própria imagem."

⁂

A Visão de Deus

Todos os muçulmanos professam crer que a Visão de Deus é o ápice da felicidade humana, porque isso está declarado na Lei; mas para muitos essa é uma mera profissão da boca para fora que não desperta nenhuma emoção em seus corações. Isso é perfeitamente natural, pois como pode um homem ansiar por algo do qual não tem conhecimento? Procuraremos mostrar su-

cintamente por que a Visão de Deus é a maior felicidade que um homem pode alcançar.

Em primeiro lugar, cada uma das faculdades do homem tem sua função apropriada que se deleita em cumprir. Isso se aplica a todas elas, desde o apetite corporal mais baixo até a forma mais elevada de apreensão intelectual. Mas mesmo uma forma relativamente baixa de esforço mental proporciona maior prazer do que a satisfação dos apetites corporais.

Assim, se um homem estiver absorvido em um jogo de xadrez, não virá para a refeição, embora repetidamente chamado. E quanto mais elevado for o objeto de nosso conhecimento, maior será o nosso deleite nele; por exemplo, teríamos mais prazer em conhecer os segredos de um rei do que os segredos de um vizir.

Visto, portanto, que Deus é o objeto de conhecimento mais elevado possível, o conhecimento Dele deve proporcionar mais deleite do que qualquer outro. Aquele que conhece a Deus, mesmo neste mundo, habita, por assim dizer, em um paraíso "cuja largura é como a largura dos céus e da terra", um paraíso cujos frutos nenhuma inveja pode impedi-lo de colher, e cuja extensão não se estreita pela multidão daqueles que o ocupam.

Mas o deleite do conhecimento ainda fica aquém do deleite da visão, assim como nosso prazer em pensar naqueles que amamos é muito menor do que o prazer proporcionado pela visão real deles. Nosso aprisionamento em corpos de barro e água, e o emaranhamento nas coisas dos sentidos constituem um véu que oculta a Visão de Deus de nós, embora não nos impeça de alcançar algum conhecimento Dele. Por essa razão Deus disse a Moisés no Monte Sinai: "Não me verás."

A verdade da matéria é esta: assim como a semente do homem se torna um homem, e um caroço de tâmara enterrado se torna uma palmeira, assim o conhecimento de Deus adquirido na terra se transformará no outro mundo na Visão de Deus, e aquele que nunca aprendeu o conhecimento nunca terá a Visão.

Esta Visão não será compartilhada igualmente por todos os que conhecem, mas seu discernimento dela variará exatamente de acordo com seu conhecimento. Deus é um, mas Ele será visto de muitas maneiras diferentes, assim como um objeto é refletido de diferentes maneiras por espelhos diferentes, alguns mostrando-o reto, e outros distorcido, alguns claramente e outros confusamente.

Um espelho pode ser tão torto a ponto de fazer até uma forma bela parecer disforme, e um homem pode levar para o outro mundo um coração tão escuro e deturpado que a visão que será fonte de paz e alegria para outros será para ele uma fonte de miséria.

Aquele em cujo coração o amor de Deus prevaleceu sobre tudo o mais obterá mais alegria desta visão do que aquele em cujo coração ele não prevaleceu assim; exatamente como no caso de dois homens com visão igualmente poderosa contemplando uma face bela: aquele que já ama o possuidor dessa face se alegrará em contemplá-la mais do que aquele que não o ama.

Para a felicidade perfeita, o mero conhecimento não é suficiente se não for acompanhado pelo amor, e o amor de Deus não pode tomar posse do coração de um homem até que ele seja purificado do amor do mundo, purificação esta que só pode ser efetuada pela abstinência e austeridade.

Enquanto está neste mundo, a condição do homem em relação à Visão de Deus é como a de um amante que vê a face de sua Amada na penumbra, enquanto suas roupas estão infestadas de vespas e escorpiões, que continuamente o tormentam.

Mas se o sol nascer e revelar a face de sua Amada em toda a sua beleza, e os vermes nocivos deixarem de molestá-lo, então a alegria do amante será como a do servo de Deus que, libertado da penumbra e das provações tormentosas deste mundo, O contempla sem véu.

Abu Suleiman disse: "Aquele que está ocupado consigo mesmo agora estará ocupado consigo mesmo então, e aquele que está ocupado com Deus agora estará ocupado com Ele então."

Yahya Ibn Muaz relata: "Observei Bayazid Bistami em oração durante uma noite inteira. Quando ele terminou, levantou-se e disse: 'Ó Senhor! Alguns de Teus servos pediram e obtiveram de Ti o poder de realizar milagres, de andar sobre o mar e de voar no ar, mas isso eu não peço; alguns pediram e obtiveram tesouros, mas estes eu não peço.' Então ele se voltou e, vendo-me, disse: 'Você está aí, Yahya?' Eu respondi: 'Sim.' Ele perguntou: 'Desde quando?' Respondi: 'Há muito tempo.' Pedi-lhe então que me revelasse algumas de suas experiências espirituais. 'Revelarei', respondeu ele, 'o que é lícito lhe contar.

O Todo-Poderoso mostrou-me o Seu reino, desde o seu ponto mais alto até o mais baixo; Ele me elevou acima do trono e do assento e de todos os sete céus. Então Ele disse: "Pede-Me qualquer coisa que desejares." Respondi: "Senhor! Não desejo nada além de Ti." "Em verdade", disse Ele, "tu és Meu servo."'"

Em outra ocasião, Bayazid disse: "Se Deus te oferecesse a intimidade com Ele que teve Abraão, o poder em oração de Moisés, a espiritualidade de Jesus, ainda assim mantém teu rosto direcionado apenas a Ele, pois Ele possui tesouros que superam até mesmo estes."

Um dia, um amigo lhe disse: "Por trinta anos jejeuei de dia e orei de noite e não encontrei nenhuma daquela alegria espiritual de que falas." Bayazid respondeu: "Se você jejuasse e orasse por trezentos anos, nunca a encontraria."

"Como assim?", perguntou o outro. "Porque", disse Bayazid, "seu egoísmo está agindo como um véu entre você e Deus." "Diga-me, então, a cura." "É uma cura que você não pode realizar." No entanto, como seu amigo insistiu para que a revelasse, Bayazid disse: "Vá ao barbeiro mais próximo e raspe a barba; despida-se de suas roupas, com exceção de um cinto ao redor dos lombos.

Pegue um saco de ração de cavalo cheio de nozes, pendure-o no pescoço, vá ao bazar e grite: 'Qualquer menino que me der um tapa na nuca ganhará uma noz.' Então, dessa maneira, vá para onde o Cadi e os doutores da lei estão sentados."

"Misericórdia!", disse seu amigo, "eu realmente não posso fazer isso; sugira algum outro remédio." "Este é o preliminar indispensável para a cura", respondeu Bayazid, "mas, como lhe disse, você é incurável."

A razão pela qual Bayazid indicou este método de cura para a falta de gosto na devoção foi que seu amigo era um ambicioso buscador de posição e

honra. Ambição e orgulho são doenças que só podem ser curadas de uma forma semelhante. Deus disse a Jesus: "Ó Jesus!

Quando vejo nos corações dos Meus servos puro amor por Mim, não misturado com nenhum desejo egoísta relativo a este mundo ou ao próximo, atuo como guardião desse amor." De novo, quando as pessoas perguntaram a Jesus: "Qual é a obra mais elevada de todas?", ele respondeu: "Amar a Deus e resignar-se à Sua vontade."

À santa Rabia perguntaram certa vez se ela amava o Profeta: "O amor do Criador", disse ela, "impediu-me de amar a criatura." Ibrahim Ben Adham, em suas orações, disse: "Ó Deus! Aos meus olhos o próprio céu é menos que um pernilongo em comparação com o amor por Ti e a alegria da Tua lembrança que me concedeste."

⁂

Aquele que supõe que é possível desfrutar da felicidade no outro mundo separadamente do amor de Deus está muito enganado, pois a própria essência da vida futura é chegar a Deus como a um objeto de desejo há muito almejado e alcançado através de incontáveis obstáculos. Esse desfrute de Deus é a felicidade.

Mas se ele não tinha deleite em Deus antes, não se deleitará Nele então, e se sua alegria em Deus era apenas pequena antes, será apenas pequena então. Em suma, nossa felicidade futura estará em estrita proporção ao grau em que amamos a Deus aqui.

Mas (e que Deus nos preserve de tal destino!) se no coração de um homem esteve crescendo o amor por aquilo que se opõe a Deus, as condições da

próxima vida ser-lhe-ão totalmente alheias, e aquilo que causará alegria a outros causará a ele miséria.

Isso pode ser ilustrado pela seguinte anedota: Certo limpador de fossas entrou no bazar dos vendedores de perfumes e, sentindo os aromas suaves, caiu desmaiado. As pessoas se juntaram ao redor dele, aspergiram água de rosas sobre ele e seguraram almíscar em seu nariz, mas ele só piorou.

Por fim veio um que tinha sido ele próprio um limpador de fossas; ele segurou um pouco de sujeira sob o nariz do homem e este reviveu instantaneamente, exclamando com um suspiro de satisfação: "Ah! Isto sim é perfume!"

Assim, na outra vida, o homem mundano não encontrará mais o lucro imundo e os prazeres imundos do mundo; as alegrias espirituais daquele mundo ser-lhe-ão totalmente alheias e apenas aumentarão sua miséria. Pois o outro mundo é um mundo de Espírito e da manifestação da Beleza de Deus; feliz é aquele homem que buscou e adquiriu afinidade com ele.

Todas as austeridades, devoções e estudos têm como objetivo a aquisição dessa afinidade, e essa afinidade é o amor. Este é o significado daquele ditado do Alcorão: "Aquele que purificou sua alma é feliz." Pecados e luxúrias se opõem diretamente à conquista dessa afinidade; portanto, o Alcorão continua dizendo: "E aquele que corrompeu sua alma é miserável."

Aqueles que são dotados de visão espiritual realmente apreenderam esta verdade como um fato de experiência, e não como uma mera máxima tradicional. Sua percepção clara dela os leva à convicção de que aquele por

quem ela foi dita era de fato um profeta, assim como um homem que estudou medicina sabe quando está ouvindo um médico.

Este é um tipo de certeza que não requer o apoio de milagres tais como a conversão de uma vara em serpente, cujo crédito pode ser abalado por milagres aparentemente tão extraordinários quanto, realizados por magos.

Os Sinais do Amor de Deus

Muitos afirmam amar a Deus, mas cada um deve examinar a si mesmo quanto à autenticidade do amor que professa. O primeiro teste é este: ele não deve desgostar do pensamento da morte, pois nenhum amigo se esquiva de ir ver um amigo. O Profeta disse: "Quem deseja ver a Deus, Deus deseja vê-lo." É verdade que um sincero amante de Deus pode se esquivar do pensamento da morte vindo antes que ele tenha terminado sua preparação para o outro mundo, mas se ele for sincero, será diligente em fazer tal preparação.

O segundo teste de sinceridade é que o homem deve estar disposto a sacrificar sua vontade à de Deus, deve apegar-se ao que o aproxima de Deus e deve evitar o que o coloca a uma distância de Deus. O fato de um homem pecar não é prova de que ele não ame a Deus de modo algum, mas prova que ele não O ama com todo o seu coração.

O santo Fudhail disse a certo homem: "Se alguém lhe perguntar se você ama a Deus, permaneça em silêncio; pois se você disser 'Eu não O amo', você é um infiel; e se você disser 'Eu amo', suas obras o contradizem."

O terceiro teste é que a lembrança de Deus deve permanecer sempre fresca no coração do homem sem esforço, pois aquilo que o homem ama ele se

lembra constantemente, e se o seu amor for perfeito ele nunca o esquece. É possível, contudo, que, embora o amor de Deus não ocupe o primeiro lugar no coração de um homem, o amor pelo amor de Deus possa ocupar, pois o amor é uma coisa e o amor pelo amor é outra.

O quarto teste é que ele amará o Alcorão, que é a Palavra de Deus, e Maomé, que é o Profeta de Deus; se o seu amor for realmente forte, ele amará todos os homens, pois todos são servos de Deus; mais ainda, seu amor abraçará toda a criação, pois aquele que ama alguém ama as obras que essa pessoa compõe e sua caligrafia.

O quinto teste é: ele cobiçará o recolhimento e a privacidade para fins de devoção; ele anseiará pela aproximação da noite, para que possa ter comunhão com seu Amigo sem impedimentos ou estorvos. Se ele preferir a conversa de dia e o sono à noite a tal recolhimento, então seu amor é imperfeito.

Deus disse a Davi: "Não sejas intimamente ligado aos homens; pois dois tipos de pessoas são excluídos da Minha presença: aqueles que são fervorosos em buscar recompensa e negligentes quando a obtêm, e aqueles que preferem seus próprios pensamentos à lembrança de Mim. O sinal do Meu descontentamento é que deixo tais pessoas entregues a si mesmas."

Em verdade, se o amor de Deus realmente tomar posse do coração, todo outro amor é excluído. Um dos filhos de Israel tinha o costume de orar à noite, mas, observando que um pássaro cantava em uma certa árvore muito suavemente, começou a orar debaixo daquela árvore, a fim de ter o prazer de ouvir o pássaro.

Deus disse a Davi para ir e dizer a ele: "Misturaste o amor de um pássaro melodioso com o amor por Mim; tua posição entre os santos foi rebaixada." Por outro lado, alguns amaram a Deus com tal intensidade que, enquanto estavam engajados na devoção, suas casas pegaram fogo e eles não perceberam.

Um sexto teste é que a adoração se torna fácil. Certo santo disse: "Durante um período de trinta anos realizei minhas devoções noturnas com grande dificuldade, mas durante um segundo período de trinta anos elas se tornaram um deleite." Quando o amor a Deus é completo, nenhuma alegria se iguala à alegria da adoração.

O sétimo teste é que os amantes de Deus amarão aqueles que Lhe obedecem e odiarão os infiéis e os desobedientes, como diz o Alcorão: "Eles são severos contra os incrédulos e misericordiosos uns com os outros." O Profeta uma vez perguntou a Deus e disse: "Ó Senhor!

Quem são os Teus amantes?", e veio a resposta: "Aqueles que se apegam a Mim como uma criança à sua mãe, que se refugiam na lembrança de Mim como um pássaro busca o abrigo de seu ninho, e que ficam tão irados à vista do pecado como um leão irado que nada teme."

Une Sacra · edição 1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0